



(<https://focusonthe kingdom.org/>)

# *Tradução*

## *O Deus único, o Pai, Um Homem Messias*

*por Anthony F. Buzzard.*

*Título Original (em Inglês):*

*“The One God, the Father,  
One Man Messiah Translation”.*

*Tradução (Translation):*

*Fernando Coutinho Sánchez*

*(ferjos Cousan@gmail.com)*

*Osorno-Machalí, Chile,*

*Julio de 2024*

Todas as citações bíblicas deste estudo em português são uma tradução da versão em inglês usada no texto original, salvo indicação em contrário.. Estas citações estão em caracteres *itálicos*.

Todas as inserções explicativas do autor dentro de um verso da Escritura são incluídas em [COLCHETES]. Todas as palavras gregas, hebraicas, aramaicas ou outras palavras não-portuguesas estão entre aspas, em “*ITALICAS*” e/ou transliteradas para português.



## **Introdução**

“A divindade de Jesus é inerentemente não-judaica. O testemunho dos textos judaicos é invariável: a crença de que um segundo ser é Deus implica a saída da comunidade judaica. <sup>[1]</sup>

“De acordo com as testemunhas do Novo Testamento, no ensinamento de Jesus e dos Apóstolos, a respeito do monoteísmo e do judaísmo do Antigo

---

<sup>[1]</sup> Maurice Casey, “From Jewish Prophet to Gentile God” (De profeta judeu a Deus gentio), Westminster/John Knox Press, 1992, pág. 176.

Testamento, não houve nenhum elemento de mudança. *Marcos 12:29* registra a confirmação pelo próprio Jesus, sem qualquer reserva, da suprema confissão monoteísta de fé da religião israelita em sua forma completa”.<sup>[2]</sup>

Nascido e criado como membro da Igreja Anglicana (Anglicana), frequentava a igreja com a minha família e o internato todos os domingos. Os hinos eram lindíssimos, os edifícios tinham muitos séculos, a lista do clero remontava a meio milénio. A homilia de dez minutos de domingo ficou muito aquém de nos proporcionar uma educação bíblica. Aos 20 anos fui para Oxford para obter uma qualificação adequada em línguas modernas (alemão e francês). Foi nessa altura que fui convidado a participar numa reunião evangélica “salve-se”. Fiquei curioso para saber o que significava aquela “aceitação de Jesus no meu coração”. Este acontecimento levou-me à minha primeira investigação séria das Escrituras, onde encontrei no Evangelho do Reino de Jesus a irreprimível esperança e promessa de que Jesus, para além de ter morrido pelos pecados do mundo, no seu espetacular regresso, trará a paz ao mundo que tão obviamente não foi produzida pelo actual esforço político.

Cerca de 60 anos após o meu primeiro contacto com a Bíblia, depois de me ter licenciado em teologia e de ter seguido uma carreira como professor da Bíblia e das suas línguas numa pequena faculdade bíblica, tive a forte impressão (como muitos outros) de que O Jesus da História e a sua proclamação apaixonada do Evangelho do Reino eram-nos desconhecidos naqueles tempos da Igreja Anglicana. O enredo e a história bíblica foram drasticamente distorcidos. Talvez não seja surpreendente que a frequência da igreja esteja agora reduzida a um pequeno grupo dos meus colegas ingleses. Parece que o que obtivemos da “Bíblia” foi em grande parte filtrado através de uma massa de tradições estranhas. Só nos foi permitida uma versão severamente censurada das Escrituras.

O *Dr. Robinson*, de Cambridge, estava destemidamente correto quando afirmou que “o céu nunca é usado na Bíblia para designar o destino dos moribundos”.<sup>[3]</sup> O futuro da nossa terra arruinada e a promessa de um estado de paz internacional, quando as nações “*nunca mais aprenderão a fazer a guerra*” (*Isaías 2:2-4*), quando os *Sandhursts* e os *West Points* do sistema atual se tornarem em museus de curiosidades, no momento em que o Messias faz o seu regresso espetacular a esta terra como o rei real davídico, o único que pode trazer a paz – este é obviamente o objetivo convincente da história bíblica do Génesis ao Apocalipse. É também o cerne do Evangelho cristão do Reino que foi pregado de antemão a Abraão (*Gálatas 3:8*), que nunca herdou a terra que lhe foi prometida pessoalmente, bem como à sua “descendência” (*Atos 7:5; Hebreus 11:13, 39*). Mas ele fá-lo-á, juntamente com todos os fiéis.

A promessa da terra, a promessa do Reino de Deus é o tema que moveu Jesus e todos os escritores bíblicos. Achei fascinante a visão das nações em paz assim que fui exposto às Escrituras. As afirmações do judeu monoteísta Jesus de ser o Filho do Homem, o Filho de Deus e o Messias há muito prometido (*Lucas 2:11*), aquele que acabará por trazer ordem ao nosso mundo caótico, achei irresistíveis no passado. 60 anos. Receio apenas que as terríveis complicações que os dirigentes da igreja gentílica, influenciados pela filosofia grega, impuseram, a partir do século II,

---

<sup>[2]</sup> *Dr. Martin Werner*, “*Formation of Christian Dogma*” (Formação do Dogma Cristão), Harper and Brothers, 1957, pág. 241.

<sup>[3]</sup> *J.A.T. Robinson*, “*In the End God*” (No Final, Deus), Fontana Books, 1968, pág. 104.

aos ensinamentos essencialmente simples da Bíblia, tenham tornado quase impossível a leitura inteligente das Escrituras no seu próprio contexto original.

Esta tradução tem, então, como premissa a convicção de que a Igreja de hoje, na sua pregação, ensino e tradição, oferece geralmente uma versão do Novo Testamento (NT) fortemente influenciada pela filosofia grega. Este lamentável afastamento da fé original de Jesus e dos Apóstolos remonta ao século II d.C., isto é, depois de o cânone do NT ter sido encerrado com o livro do Apocalipse. Uma reforma completa e um regresso às crenças da Igreja do NT não ocorreram na Reforma do século XVI, sob *Lutero* e *Calvino*.

O trágico lapso da verdade apostólica afasta-a do relato de fé essencialmente simples da comunidade original do NT: “*a fé, de uma vez por todas, entregue aos santos*” (*Judas 3*). Vozes de protesto e alarme, entre muitas, podem ser citadas em apoio da nossa tese:

*Eberhard Griesebach* escreveu: “No seu encontro com a filosofia grega, o cristianismo tornou-se teologia. Essa foi a queda do Cristianismo”.<sup>[4]</sup> O Cónego Anglicano *Goudge* disse: “Quando a mente grega e romana, em vez da mente hebraica, passou a dominar a Igreja, ocorreu um desastre na doutrina e na prática do qual nunca recuperámos”.<sup>[5]</sup> O anglicano *Dean Farrar* foi suficientemente franco para admitir que a Igreja tem consistentemente feito uma confusão na sua tentativa de interpretar a Bíblia. Observa que “a Sagrada Escritura contém tudo o que é necessário para a salvação” (artigo 6º da Igreja de Inglaterra) e que “os ensinamentos claros de Cristo são o único guia infalível”. De seguida, lamenta o evidente fracasso dos expositores em concordar sobre o que a Bíblia diz. “Na verdade, se em toda a extensão do que chamamos ‘religião’ os homens têm um guia infalível, tornaram-no – e isto inevitavelmente na aparência – pior do que inútil através de exposições falíveis”.<sup>[6]</sup>

Assim, esta maravilhosa visão de *E.F. Scott, D.D.*: “O Cristianismo, no decurso da missão aos gentios, foi transformado noutra religião. A Igreja... tinha-se esquecido ou recusado saber o que Jesus realmente ensinou”.<sup>[7]</sup>

*William Winwood Reade*, historiador e filósofo britânico, reforça o nosso ponto:

A igreja afastou-se cada vez mais da sua forma antiga em termos de disciplina e dogma, até que no século II os cristãos da Judeia, que tinham seguido fielmente os costumes e princípios dos doze apóstolos, foram considerados hereges. Durante este intervalo, surgiu uma nova religião. O Cristianismo derrotou o paganismo e o paganismo corrompeu o Cristianismo. As lendas que pertenciam a *Osíris* e a *Apolo* foram aplicadas à vida de Jesus. A única Divindade dos Judeus foi trocada pela Trindade, que os Egípcios inventaram e que Platão idealizou num sistema filosófico. O homem que disse: “Porque me chamas bom? Não há outro bom senão um, que é Deus”, agora ele próprio se tornou um deus, ou a terceira parte de um.<sup>[8]</sup>

Se a Bíblia for tomada pelo seu valor nominal dentro do seu brilhante cenário apocalíptico judaico, “mais cedo ou mais tarde chegará o tempo em que o simples e o natural serão reconhecidos

---

<sup>[4]</sup> “*Lecture on Christianity and Humanism*” (Conferência sobre Cristianismo e Humanismo), 1938.

<sup>[5]</sup> “*The Calling of the Jews*” (O Chamado dos Judeus), nos ensaios recolhidos *Judaísmo e Cristianismo*, 1939.

<sup>[6]</sup> “*The Bible, Its Meaning and Supremacy*” (A Bíblia, seu significado e supremacia), Longmans, Green, and Co., 1897, págs. 144-145.

<sup>[7]</sup> “*The Kingdom of God in the New Testament*” (O Reino de Deus no Novo Testamento), Macmillan Co. 1931, pág. 156.

<sup>[8]</sup> “*The Martyrdom of Man*” (O Martírio do Homem), 1892, p. 230. Macmillan Co. 1931, pág. 156.

como verdadeiros”.<sup>[9]</sup> O resumo do *Dr. Martin Werner* sobre o caos inicial ultrapassado pelo Jesus Messiânico e pelos seus ensinamentos merece a maior audiência possível:

A causa do problema trinitário-cristológico, que tanto deixou perplexo o cristianismo post-apostólico, reside na transição do conceito apocalíptico Messias-Filho do Homem da fé escatológica cristã primitiva, com o seu sentido de iminência, para o novo dogma da Divindade. Jesus Não havia certamente necessidade nem justificação... para substituir o conceito original do Messias, simplesmente uma analogia helenística, como a de um Ser Divino redentor... Na verdade, era totalmente inválido. Foi um mito atrás do qual o Jesus histórico desapareceu completamente.<sup>[10]</sup>

*J. Christiaan Beker* em “*Paul's Apocalyptic Gospel*” (O Evangelho Apocalíptico de Paulo) observa que a mudança do Evangelho apocalíptico do Reino de Jesus e de Paulo “constitui, na verdade, uma espécie de queda do Cristianismo”. Chama-lhe corretamente “uma queda do mundo apocalíptico do cristianismo primitivo para categorias platônicas de pensamento... A renúncia de Paulo ao apocalíptico teve um tremendo impacto na história do pensamento cristão”, produzindo “uma alienação do cristianismo da sua matriz judaica original”.<sup>[11]</sup>

As traduções, particularmente as modernas como a NVI (Nova Versão Internacional), “ajudam” o leitor a ver coisas no NT que reforçam a sua impressão de que a “ortodoxia” posterior é solidamente bíblica. Mas isto implica “empurrar” o texto grego para além do que ele realmente diz. Este processo injusto é uma tentativa de justificar o desvio subsequente da fé original. Suaviza a diferença embaraçosa entre as Escrituras Gregas originais da comunidade de fé original e o que a partir do século II se desenvolveu como um afastamento trágico da ortodoxia bíblica de Jesus e Paulo.

O exemplo mais marcante desta vergonhosa diferença entre Jesus e as crenças daqueles que afirmam segui-Lo é o credo unitarista afirmado de forma mais enfática por Jesus numa discussão com um colega judeu (*Marcos 12:28-34*). Sobre esta passagem crítica das Escrituras, a Igreja adotou uma postura alarmante de silêncio! (Muitas vezes é o que não dizemos que revela uma falha no nosso pensamento).

Naquela passagem maravilhosamente instrutiva das Escrituras, um estudioso judeu perguntou a Jesus qual era o mandamento mais importante de todos. Jesus respondeu endossando o credo monumentalmente significativo da herança de Israel, o núcleo de toda a verdadeira religião: “O Senhor nosso Deus é Senhor” (conforme se lê no *Novo Testamento Grego*, citando os LXX, versão grega do AT). Este é um credo unitário monoteísta e, certamente, não um credo trinitário. “Um” é um quantificador, um número matemático simples, e Deus é aqui definido, como inúmeras vezes na Bíblia Hebraica e no NT, como um Senhor divino, uma Pessoa, um Ser divino, um *Yahweh*. É assim que o descrevem milhares de pronomes pessoais singulares, que como todos sabemos designam uma só pessoa. *Malaquias 2:10* resume com deliciosa simplicidade toda a visão bíblica de Deus como uma Pessoa: “Não temos todos um só Pai? Não foi apenas um Deus que nos criou?”

A importância deste ponto deve ser repetida: o conflito entre os ensinamentos originais de Jesus e o que mais tarde emergiu como Cristianismo é demonstrado de forma mais contundente pelo

<sup>[9]</sup> *Albert Schweitzer*, “*Geschichte der Leben-Jesu-Forschung*”, citado por *Martin Werner*, pág.17.

<sup>[10]</sup> “*The Formation of Christian Dogma*” (A Formação do Dogma Cristão), pág. 298.

<sup>[11]</sup> *J. Christiaan Beker*, “*Paul's Apocalyptic Gospel: The Coming Triumph of God*” (O Evangelho Apocalíptico de Paulo: O Triunfo Vindouro de Deus), Fortress Press, 1982, pags. 107-108.

facto de os leitores da Bíblia não terem levado a definição unitária em si com a maior seriedade, ou seja, digamos unitário. em *Marcos 12:29*. Nesta passagem clássica, Jesus parece estar em completa harmonia com um simpático estudioso da Bíblia judeu. Em *João 17:3*, Jesus propôs como chave para a Vida do Século Vindouro (traduzido inapropriadamente na maioria das versões como “vida eterna”) que reconhecemos e conhecemos o Pai como “o único Deus verdadeiro” (ver *João 5:44*). Nos escritos de João, o Pai é equiparado a Deus quase 150 vezes, e no NT é óbvio que “Deus” (muitas vezes “o Deus” no original grego) significa o Pai e não Jesus. “Deus” significa o Pai cerca de 1300 vezes no nosso NT.

O credo de Israel nunca foi trinitário. Portanto, o facto de Jesus afirmar e apoiar o credo unitarista do Judaísmo deveria constituir um embaraço provocador e transformador para a Igreja de hoje, que deixou de citar e de acreditar no credo de Jesus. Afastou-se de Jesus no nível mais crucial de todo o esforço teológico e espiritual. Assim, o Cristianismo distingue-se pela notável característica de ser a única religião mundial que começa por descartar o credo do seu próprio fundador. *Marcos 12:29*, e Jesus como nosso rabino-professor, e não apenas aquele que proporcionou o perdão ao morrer por nós, deve ser reintegrado, se o estudo da Bíblia e a pregação quiserem ser honestos com os documentos cristãos.

Há passagens em algumas traduções modernas que se afastam claramente do grego para dar a impressão de que a “ortodoxia” posterior tem uma base bíblica. Um exemplo clássico está em *Filipenses 2:5*, onde o Filho de Deus é descrito na NVI como “sendo Deus na sua própria natureza”. Mas esta é uma imposição horrível no texto, que não diz uma palavra sobre Jesus ser Deus. A palavra “natureza” pretende aqui encorajar a noção de um “Deus Filho” que tem a mesma “essência” do Pai. Mas a “essência” e a “hipóstase” pertencem a um vocabulário teológico dos tempos post-bíblicos, quando a simplicidade da crença imaculada em Deus, o Pai, como “o único Deus verdadeiro” se tinha perdido (*João 17:3*).

Notamos também que de uma forma muito subtil a NVI não quer que vejam que o Evangelho (do Reino) foi pregado igualmente por Jesus e Paulo. Ao apresentar o ministério de Jesus, a NVI relata que ele pregou “as Boas Novas”, enquanto Paulo pregava “o Evangelho”. Mas esta distinção está ausente do original grego e promove uma descontinuidade entre Jesus e Paulo. Tanto Jesus como Paulo, que seguiram Jesus fielmente, pregaram o mesmo Evangelho que salva o Reino. É enganador traduzir *Evangelion* para a pregação de Jesus como “boas novas” e a mesma palavra para a pregação de Paulo como “evangelho”. Aponta um erro sistemático perigoso – que o ensino de Jesus foi descartado em favor de um “Evangelho de Paulo” mal compreendido. Falhámos chamar a Jesus “rabino e senhor” (*João 13:13*) quando em toda a parte nos exortou a nunca deixar de compreender e obedecer às suas palavras salvadoras (*João 3:36; 12:44-48; comparar, Hebreus 5:9*).

A minha esperança é trazer um foco claro para a definição muito simples de Deus no NT como o Pai de Jesus e certamente não como trino. Queremos enfatizar constantemente a definição do Evangelho salvador como o Evangelho **sobre o Reino de Deus**, do qual Jesus foi o pregador original e autorizado (*Hebreus 2:3; Lucas 4:43; Atos 10:36*). É claro que ganhei muito com as 60 traduções modernas, em várias línguas, disponíveis no software padrão utilizado pelos académicos. Estas traduções transmitem principalmente o significado do grego de formas variadas, mas totalmente aceitáveis. Contudo, em certas passagens-chave distorcem o texto grego, num esforço para apresentar Jesus como Deus Filho, o segundo membro de uma Trindade eterna.

Este objetivo principal, definir o Evangelho salvífico tal como Jesus o definiu, significa restaurar a voz e a mente de Jesus na nossa leitura da Bíblia. Hoje, o público nunca tem um conceito claro do que Jesus pregou como Evangelho salvador. A nossa observação é que o “*Evangelho do Reino*”, com o qual Jesus lançou as bases para toda a crença sólida (*Marcos 1:14, 15*), está praticamente ausente dos tratados, livros, sites e blogues contemporâneos que oferecem “*salvação*”. A voz de Jesus, no nível mais fundamental de definição do Evangelho, foi silenciada e censurada.

Em vez do Evangelho como Jesus o pregou ao público, ouvimos ser oferecida uma versão muito “lavada” do Evangelho, em grande parte orientada para o autoaperfeiçoamento psicológico, ou como *Dallas Willard* lhe chama, “evangelhos de gestão do pecado”.<sup>[12]</sup> O evangelismo popular foi esvaziado do seu vívido sabor apocalíptico, anunciando o futuro da sociedade humana e alertando para o futuro regresso de Jesus para julgar e governar uma terra renovada. O Evangelho anuncia o futuro governo revolucionário de Deus que acabará com todas as guerras!

Sem compreenderem o ponto de partida adequado, seguindo o próprio Jesus, os leitores da Bíblia ficam com uma conceção nebulosa sobre a definição e o conteúdo do Evangelho salvador. A seguir, Paulo é muitas vezes deturpado por uma seleção de alguns versículos tomados sem ter em conta o contexto. *Romanos 10:9, 10* é típico, e a versão evangélica de Jesus é encoberta no processo. Paulo não contrariou a insistência de Jesus na necessidade de acreditar no Evangelho do Reino (*Marcos 1:14, 15*). Paulo conclui *Romanos 10* dizendo que a fé vem por ouvir e crer na “palavra [Evangelho] do Messias” (*versículo 17*), isto é, o Evangelho que **o próprio Messias pregou**. Paulo é incompreendido (com a NVI, e não com a NASB mais precisa) quando é levado a dizer que alguém só precisa de “ouvir de” Jesus, isto é, sobre ele, quando na verdade é preciso “ouvir de Jesus” isso. é escutar e responder com inteligência à sua própria mensagem do Evangelho do Reino.

Em *1 Coríntios 15:1-3*, Paulo não deve confrontar Jesus! Paulo não disse ali que a importantíssima morte e ressurreição de Jesus abrange todo o Evangelho. Estes factos eram itens “entre os assuntos de primeira importância” (*versículo 3*). Afinal, Jesus pregou o Evangelho durante anos sem, nessa fase, sequer uma menção à sua morte e ressurreição, introduzida pela primeira vez em *Mateus 16:21*.

A minha convicção sobre a ausência do centro do Evangelho salvador na pregação popular, como o Reino, é expressa sem rodeios por um professor de missiologia. O *Dr. Mortimer Arias* observou:

Parece que estamos perante o que se pode chamar **um eclipse do reinado [Reino] de Deus que dura desde a era apostólica até ao presente**, particularmente na nossa teologia para a evangelização... O reino de Deus é o sonho do próprio Deus, o seu projeto para o seu mundo e para a humanidade! Fez-nos sonhadores e quer que nos deixemos seduzir pelo seu sonho e sonhemos com ele... Não somos nós que sonhamos, mas Deus que sonha em nós... **Quando saí pela primeira vez do seminário, não tinha uma ideia clara do Reino de Deus e não tinha lugar na minha teologia para a segunda vinda ou a “Parousia” ...**

Milhares de livros são impressos e distribuídos todos os anos sobre evangelização; a maioria deles enquadra-se na categoria de metodologia, manuais práticos para cristãos e igrejas. Nem toda

---

<sup>12</sup> “*The Divine Conspiracy*” (A Conspiração Divina), Harper One, 1998, pág. 57.

esta atividade ou ativismo, porém, é sinal de saúde e criatividade... É óbvio que as nossas tradicionais mini teologias de evangelização (tipo “plano de salvação” ou “quatro leis espirituais”) não fazem justiça a *todo* o Evangelho... “*As boas novas do reino*” não é a forma habitual como descrevemos o Evangelho e o evangelismo... O tema do reino de Deus praticamente desapareceu da pregação evangelística e foi ignorado pelo “evangelismo” tradicional. A mensagem evangelística tem-se centrado na salvação pessoal, na conversão individual e na incorporação na igreja. O reino de Deus como parâmetro ou perspectiva ou como conteúdo de proclamação tem estado praticamente ausente... Os interessados em evangelismo ainda não se interessaram pelo tema do reino... Por que não tentar a definição de missão do próprio Jesus – e a nossa? Para Jesus, a evangelização não era nada mais nada menos do que anunciar o reino de Deus! <sup>[13]</sup>

Esta Tradução tenta restituir ao Evangelho do Reino o destaque central de que sempre goza em todo o NT.

É claro que Jesus era judeu como descendente de David. Em nenhuma circunstância qualquer leitor do NT, no seu próprio contexto, deveria imaginar que Jesus acreditava na Trindade dos concílios post-bíblicos! Nesta tradução faço um esforço conjunto para recordar aos leitores a fé monoteísta unitária do NT, a definição do Filho de Deus como o Senhor Messias, que nasceu (*Lucas 2:11*), e não uma segunda Pessoa de um Triuno Divindade. Deus não pode nascer e o Deus imortal não pode morrer.

A leitura dos escritos da comunidade do NT no seu contexto judaico do primeiro século produz uma grande dose de simplicidade refrescante e paz de espírito. Estamos a tocar as raízes originais da fé, e o NT ganha vida de uma forma brilhante. A ignorância da Bíblia produz uma alienação desastrosa de Deus (*Efésios 4:18*). Evidentemente, muitos dos meus compatriotas abandonaram completamente a Bíblia, frequentando a igreja regularmente no Reino Unido apenas a um ritmo de cerca de 5%, sendo os restantes apenas “nascidos, acasalados e enviados”.

A confusão provocada pela queda subsequente (a partir do início do século II) da fé original é gigantesca nos seus efeitos. Levará algum tempo para limpar o ar e desembaciar as nossas mentes. Temos bebido teologia tóxica e a igreja precisa de ser descontaminada. Mas o esforço vale a pena, embora as revoluções nunca sejam isentas de dor.

A religião do século II desenvolveu a sua própria “versão melhorada” do drama bíblico apresentado nas Escrituras. A própria Bíblia é um drama emocionante que descreve o grande Plano de Deus para conceder aos seres humanos o dom da vida indestrutível, a imortalidade. Haverá paz na terra quando as nações forem obrigadas a transformar espadas em relhas de arado, e aprender a fazer a guerra nunca mais será permitido. Ninguém poderá pegar numa arma e disparar sobre o vizinho. Isto parece-me bom senso e uma boa notícia!

A partir do século II, a Igreja Católica emergente criou a sua própria versão bordada do argumento original da Bíblia e, assim, perdeu o argumento para si e para os seus milhares de

---

<sup>[13]</sup> “*Announcing the Reign of God*” (Proclamar o Reino de Deus), Fortress Press, 1984, págs. 55, 115-116, 85, xii-xviii. Para mais citações de autoridades líderes sobre a ausência quase total do Reino de Deus no ensino do evangelho da igreja, veja meu “*The Coming Kingdom of the Messiah*” (O Reino Vindouro do Mesías) (gratuito em nosso site, [restorefellowship.org](http://restorefellowship.org)) e meu “*Kingdom of God in the Twentieth-Century Discussion and the Light of Scripture*” (O Reino de Deus na Discussão do Século XX e a Luz das Escrituras) (*Evangelical Quarterly*, 64:2, 1992, págs. 99-115). Para um excelente tratamento do Evangelho do Reino NT, ver “*Gospel of the Kingdom*” (o Evangelho do Reino) de *Wiley Jones*, 1879, disponível gratuitamente em [archive.org](http://archive.org)

milhões de seguidores. Ao mesmo tempo, a “versão melhorada” criou uma hierarquia poderosa e rica destinada a reprimir os ignorantes e a garantir um enorme prestígio aos seus líderes sacerdotais. Finalmente, coroaram este esforço declarando que o principal líder, o Papa, era infalível ao falar oficialmente.

O espetacular drama da origem do Filho único de Deus, Jesus Messias (*genesis, Mateus 1:18*), apresentado nas narrativas do nascimento de Mateus e Lucas, recebeu uma reviravolta adicional sensacional quando se disse que Maria, uma virgem adolescente, era a sua mãe. Aos meios-irmãos de Jesus teve de ser negado esse estatuto e tornarem-se primos (ou filhos de José de um casamento anterior). Diz-se que Maria foi elevada ao céu corporalmente sem morrer.

A Igreja Católica Romana assumiu o poder sobre o estado secular como o Reino de Deus vindo antes de Jesus na sua futura Segunda Vinda. Nas Escrituras, as nações deste sistema mundial atual nunca são o Reino de Deus. Os santos não governam hoje (embora o façam), e Jesus é o único Rei e, em última análise, legítimo governante mundial. O sistema de fé promovido pela “nova versão melhorada” do drama bíblico elevou os sacerdotes como os únicos educados para ministrar os mistérios da nova fé. Os leigos foram colocados sob tutores. <sup>[14]</sup> O controlo de milhões de mentes foi garantido e a educação teológica foi negada a todos, exceto aos líderes. A permanência desta tradição extremamente poderosa foi assim garantida. *Harnack*, como mestre historiador da fé cristã, regista os factos surpreendentes sobre a antiga “história da supressão <sup>[15]</sup> do Cristo histórico pelo Cristo pré-existente, do Cristo da realidade pelo Cristo imaginado na dogmática, finalmente a tentativa vitoriosa de substituir o mistério de Cristo pela própria pessoa”.

A Reforma Protestante do século XVI foi provocada pelos óbvios abusos do sistema herdado, para apelar à mudança, mas a sua reforma foi parcial. O mesmo misterioso Deus trino continuou a substituir o único Deus da Bíblia, o Pai de Jesus. Em geral, a herança unitária de Jesus e a definição de Deus, há muito suprimida pela tradição, não foram autorizadas a ressurgir dos escombros da tradição que dominavam as mentes das massas.

O céu (ou inferno eterno) a morrer pelas “almas imortais” continuou a substituir a visão bíblica da ressurreição para o Reino de Deus numa terra renovada, que era o coração do sonho hebraico de paz na terra, bem como o coração do Evangelho salvífico do Reino anunciado por Jesus e pela comunidade do Novo Testamento.

Uma ala mais pequena e mais radical da Reforma foi cruelmente suprimida quando desafiou a teologia da Reforma principal liderada por *Lutero* e *Calvino*. O inglês *John Biddle*, um professor que expôs o erro da Trindade, teve a “honra” de o parlamento britânico aprovar uma lei contra ele e morreu na prisão. O seu crime foi simplesmente ter apontado a simplicidade sem adornos da definição de Deus feita pelo próprio Jesus no “*Shemá*”, o “*Ouve, ó Israel*” de *Deuterónimo 6:4* e *Marcos 12:29*. O brilhante estudioso espanhol *Miguel Servet* foi queimado na fogueira por instigação do reformador protestante *João Calvino*, num ato de brutalidade impenitente. O “crime”

---

<sup>[14]</sup> Véase *Harnack*, “*History of Dogma*” (História do dogma), vol. 3, pág. 10, traduzido por *Neil Buchanan*, Dover Publications, 1961. O original alemão de “*Lehrbuch der Dogmengeschichte*” é encontrado em 1883, 4th ed., pub. Wissenschaftliche Buchgesellschaft, pág. 704.

<sup>[15]</sup> Note-se que a tradução inglesa padrão “suaviza” o alemão “*Verdrängung*” (supressão) em “substituição” e o alemão “*gedacht*” (imaginário ou imaginado) no vago “de pensamento”.



de *Servet* foi ter demonstrado que a Trindade não é uma doutrina bíblica. O público sabe desta atrocidade em nome da religião?

A Igreja Emergente alcançou um enorme sucesso ao acrescentar uma série de características impressionantes à sua versão do drama bíblico. No entanto, a vítima deste infeliz desenvolvimento foi o drama divino original das Escrituras em dois atos, oferecendo à humanidade sofredora a esperança da imortalidade e um lugar de responsabilidade no futuro Reino de Deus na terra, quando Jesus regressar para assumir a sua posição no restaurado. A história original e o enredo do drama divino nas páginas das Escrituras foram substituídos por uma história deslumbrante, mas pervertida, uma mistura de paganismo e Escritura. Quando perdemos o enredo do drama surpreendente, as Escrituras tornam-se confusas, a tradição da Igreja assume o controlo e a leitura inteligente da Bíblia é obstruída.

O Professor *J. Harold Ellens* defende o nosso ponto de vista, baseado num testemunho claro do que a Igreja tem feito com a sua figura central:

Por isso, é tempo de a Igreja Cristã reconhecer que possui um tipo de material muito especial que constitui a sua tradição de credo. **Não é uma tradição de credo da teologia bíblica.** Não é uma palavra única, inspirada e autorizada de Deus. É, antes, um tipo especial de mitologia religioso-filosófica grega... A Igreja deveria admitir abertamente, então, que as **suas raízes não estão em Jesus de Nazaré...** nem na tradição central da teologia bíblica... As suas raízes são filónicas no judaísmo helenístico e no **neoplatonismo** cristianizado do segundo ao quinto século. Sendo assim, a Igreja deve reconhecer ao mundo dos seres humanos que procuram a verdade e ao mundo das religiões alternativas, que a Igreja Cristã fala apenas com a sua própria autoridade e apelo histórico e filosófico e não com uma revelação divina ou única de Jesus Cristo nem de Deus. <sup>[16]</sup>

A “complicação” de Deus ao acrescentar duas outras Pessoas ao Deus conhecido por Jesus levou inevitavelmente à complicação da personalidade messiânica de Jesus. Depois de se ter tornado Deus, o verdadeiro monoteísmo foi violado. O resultado:

Jesus Cristo já não era um homem de carne e osso como nós, mas um ser celestial [pré-existente] de origem sobrenatural em forma humana. Com a ajuda de um sistema metafísico retirado da filosofia grega, nasceu o dogma cristológico e procurou-se descrever a pessoa de Jesus Cristo sob a forma da chamada “Doutrina das duas naturezas”. “Jesus Cristo, verdadeiro homem e verdadeiro Deus.” Assim disseram os homens... Desde o início até hoje, a Igreja tem sido tentada a enfatizar a “divindade” de Cristo de forma tão unilateral que a sua “humanidade” ameaça tornar-se uma mera aparência. Desta forma, Jesus Cristo tornou-se uma anormalidade histórica... O que aconteceu a este Cristo já não foi o destino de um homem, mas o destino de uma figura notável, sombria, de conto de fadas, metade homem e metade Deus... [As pessoas] teceram um véu dourado de adoração piedosa, amor e superstição e espalharam-no sobre os contornos acidentados da ação de Deus na história. <sup>[17]</sup>

Os teólogos perderam-se num labirinto de linguagem confusa, e a indignação com este exercício lamentável foi bem expressa pelo professor de Harvard, *Andrews Norton*, em 1833, na sua

---

<sup>[16]</sup> “*The Ancient Library of Alexandria and Early Christian Theological Development*” (A Antiga Biblioteca de Alexandria e o Desenvolvimento Teológico Cristão Primitivo).

<sup>[17]</sup> Heinz Zahrnt, “*The Historical Jesus*” (O Jesus Histórico), Harper and Row, 1963, pág. 29.

Declaração de Razões para Descrer nas Doutrinas dos Trinitarianos. Começa com um ataque mordaz à complexa questão de como pode Jesus ser 100% Deus e 100% homem ao mesmo tempo:

“A doutrina da Comunicação das Propriedades”, diz *Le Clerc*, ‘É tão compreensível como se se dissesse que existe um círculo que está tão intimamente ligado a um triângulo, que o círculo tem as propriedades do triângulo, e o triângulo as do círculo’. *Petavius* discute o assunto longamente, com a sua habitual redundância de conhecimentos. O vasto fólio desse escritor contendo a história da Encarnação [e da Trindade] **é um dos mais impressionantes e melancólicos monumentos da loucura humana que o mundo tem para exhibir**. Na história de outros departamentos da ciência encontramos abundância de erro e extravagância; mas a teologia ortodoxa parece ter sido a região peculiar de palavras sem sentido; de doutrinas declaradamente falsas em seu sentido próprio, e inexplicadas em outro; dos absurdos mais portentosos apresentados como verdades da mais alta importância; e de proposições contraditórias colocadas juntas sem qualquer tentativa de reconciliá-las. Um erro principal que atravessa todo o sistema, bem como outros sistemas de falsa filosofia, é que as palavras possuem um significado intrínseco, não derivado do uso dos homens; que não são meros sinais de ideias humanas, mas uma espécie de entidades reais, capazes de significar o que transcende as nossas concepções; e que quando expressam para **a razão humana apenas um absurdo**, podem ainda assim ser significativas de um grande mistério ou de uma verdade oculta, e devem ser acreditadas sem serem compreendidas (pág. 78).

De Cambridge, nos últimos anos, chega-nos uma análise impressionante do desastre que ocorreu quando o Jesus judeu foi substituído por um Filho eterno pré-existente. As consequências do processo de reinterpretação pelo qual o Filho de Deus se identificou com “Deus Filho” são certamente de grande alcance. O *Professor Lampe* salienta que quando o Filho foi projetado de volta num Filho pré-humano eternamente existente, e quando o espírito santo se tornou uma terceira “hipóstase”:

O conceito cristão de Deus torna-se então inescusavelmente triteísta; pois três “pessoas” no sentido moderno da palavra “pessoa” significam na verdade três deuses... Os efeitos, especialmente na piedade popular, foram ainda mais abrangentes do que isso. O Credo Niceno fala de “Jesus Cristo” em pessoa, não do “*Logos*”, como pré-existente... Assim é o Jesus dos Evangelhos que a imaginação do adorador representa como pré-existente no céu e descendo à terra... [Há] o absurdo da imagem de Jesus refletida em grande parte da devoção tradicional, que é essencialmente a de um super-homem <sup>[18]</sup> que desce voluntariamente ao mundo dos comuns mortais, escolhendo, por um ato deliberado de vontade, nascer como homem... Deus Filho é conceptualizado como Jesus, Filho de Deus; a obediência de Jesus, o Servo de Deus e Filho de Deus, o verdadeiro Adão habitado e inspirado pelo espírito de Deus, é atribuída a Deus Filho; Deus, o Filho, torna-se eternamente sujeito da entrega de Jesus à vontade do seu Pai, e eternamente objeto do amor do Pai... Isto significa, na verdade, **o abandono do monoteísmo**, uma vez que tal relação entre Deus, o Filho e Deus, o Pai é incompatível com a exigência do monoteísmo de que pregamos a Deus uma mente, uma vontade e uma operação.

O *Professor Lampe* era especialista no desenvolvimento post-bíblico da Trindade e observou ainda que “a interpretação de Jesus como um Filho pré-existente e do Filho como um Jesus pré-existente causa incoerência e confusão... Esta doutrina, que é derivada da identificação de Jesus com um ser divino pessoal pré-existente, é, em última análise, **incompatível com a unidade de Deus**”.

---

[18] Muito parecido com um avatar hindu.

Igualmente problemático para um verdadeiro monoteísmo e um Messias genuinamente humano é o conceito trinitário do Filho como “assumindo a natureza humana”. O *Professor Lampe* lembra-nos que “uma pessoa é criada pelas suas relações com outras pessoas e, especialmente, pela sua interação com os seus pais e família”. O que aconteceu então a Jesus, o judeu galileu do primeiro século? Perdeu-se e foi substituído por uma abstração filosófica cuja identidade como filho de David e, portanto, como verdadeiro e único Messias, se tornou irrelevante.

O conceito cristológico do Filho divino pré-existente... reduz a personalidade real, social e culturalmente condicionada de Jesus à abstração metafísica “natureza humana”. É esta humanidade universal que o Filho assumiu e tornou sua... Segundo esta cristologia, o Filho eterno assume uma natureza humana intemporal, ou torna-a intemporal tornando-a sua; é uma natureza humana que nada deve de essencial às circunstâncias geográficas; Não corresponde a nada do mundo concreto atual; Afinal, Jesus Cristo não “veio realmente em carne”.<sup>[19]</sup>

O leitor atento notará que o professor atribui, obviamente, à doutrina ortodoxa de Jesus o rótulo de anticristo. Foi o apóstolo João que, no final do período do NT, advertiu que qualquer redução do indivíduo humano Jesus Cristo a uma personalidade não essencialmente humana é uma ameaça à verdadeira fé (*1 João 4:2, 3*). O Jesus a confessar, ao contrário de outros *Jesuses*, é aquele que verdadeiramente “Se fez carne”, como pessoa plenamente humana. Lutero estabeleceu o padrão para a leitura da “prova teológica” de João na definição post-bíblica de Jesus. Lutero traduz erradamente *1 João 4:2* por “*Jesus Cristo vindo em carne*”. A doutrina da Encarnação foi assim imposta a João.

O Cristianismo é definido pelo propósito de Deus. O Plano divino é descoberto na declaração de propósito de Jesus em *Lucas 4:43*. Aí afirmou que o Deus Único o tinha comissionado com o propósito expresso de anunciar as boas novas ou o Evangelho sobre a vinda do Reino de Deus. O propósito poderia ter um resultado terrivelmente negativo. Jesus expressou isso em *Lucas 13:28*. Alertou os seus compatriotas que corriam o risco de um fracasso colossal: “*Haverá choro e ranger de dentes quando virdes Abraão, Isaac, Jacob e todos os profetas no Reino de Deus, mas vós mesmos expulsos*”. Para evitar este resultado negativo catastrófico, Jesus exortou as pessoas, e todos nós, a prestarmos a máxima atenção aos seus ensinamentos, que proporcionam o único caminho para o resgate e a salvação – viver para sempre.

As primeiras e últimas palavras de Jesus são extremamente importantes. Começa por emitir um primeiro e fundamental mandamento, do qual nos devemos arrepender e crer no *Evangelho sobre o Reino de Deus* (*Marcos 1:14, 15*). As últimas palavras de Jesus resumem e voltam a enfatizar a importantíssima questão da obediência aos seus ensinamentos. Estes encontram-se, por exemplo, no final do seu ministério público em *João 12:44-50*. As palavras/Evangelho de Jesus são os critérios para o nosso julgamento futuro. Negligenciamo-las por nossa conta e risco, pois as palavras de Jesus são as palavras do Deus que o comissionou e inspirou:

Então Jesus **exclamou**: “*Quem acredita em mim não acredita em mim, mas naquele que me comissionou. E quem me vê e me compreende, vê e compreende aquele que me encomendou. Nasci no mundo como uma luz, para que quem acredita em mim não permaneça nas trevas. Se alguém ouve as minhas palavras e não lhes obedece, eu não as julgo. Porque não vim para julgar o mundo, mas para salvar o mundo. Quem me rejeita e se recusa a aceitar os meus ensinamentos tem isto como juiz: a palavra do Evangelho de que falei julgá-lo-á no último dia desta era. Pois não falei por minha iniciativa, mas o próprio Pai que me*

<sup>[19]</sup> Lampe, “*God as Spirit*” (Deus Como Espírito), Trinity Press International, 1983, págs. 132, 136-138, 140-144.

*comissionou deus-me uma ordem sobre o que devo dizer e o que devo falar. E sei que o Seu comando significa Vida na Era Vinda. Portanto, o que falo, falo-o como o Pai me ordenou” (João 12:44-50).*

O cristianismo baseia-se na nossa escolha entre dois caminhos diferentes. O princípio está lindamente resumido em *João 3:36*, onde acreditar em Jesus equivale a obedecer, e não acreditar é recusar-se a obedecer. Estas duras alternativas são-nos apresentadas na introdução do Salmo 1. Dois estilos de vida contrastantes são descritos aqui, um que leva ao desastre, a extinção da vida, e o outro à vida indestrutível, à imortalidade no futuro Reino de Deus num renovado Reino. Todos temos de escolher. (No Calvinismo, a palavra “eleito” foi esvaziada de conteúdo inteligível).

Já no século II, os aspirantes a seguidores de Jesus começaram a perder o enredo central do grande drama de Deus que se desenrolava, corporizado no Evangelho do Reino e na obra do Messias Jesus. A influência da filosofia grega estrangeira confundiu o drama da salvação. A pessoa de Jesus foi gradualmente substituída por um abstrato “Deus Filho”, que por definição não poderia realmente ser um verdadeiro ser humano, uma vez que a sua origem antecedeu a sua origem real como o Filho de Deus no ventre da sua mãe (*Lucas 1: 35*). Depois desta nova forma de crença, que afeta o credo central da Bíblia, ter sido desenvolvida ao longo de séculos, foi aplicada sob pena de morte e excomunhão. No Concílio de Niceia, em 325, foram anexados anátemas a qualquer pessoa que pudesse questionar o dogma central da Igreja.

Os leitores das versões inglesas das Escrituras expressam por vezes o desejo de uma “tradução literal” do original. O que eles realmente precisam é de uma tradução que transmita fielmente o sentido do original (neste caso, grego) para a língua de chegada. Há alturas em que uma tradução “literal”, “palavra por palavra”, é a menos desejável. E se eu traduzir “*I am pulling your leg*” (Estou puxando sua perna) literalmente, ou “*I have a frog in my throat*” (Eu tenho um sapo na garganta) palavra por palavra? O mal-entendido será óbvio: “*I am mad about my flat*” (Eu sou louco pelo meu apartamento) pode muito bem significar em inglês britânico “*I am excited about my flat*” “Estou animado para o meu apartamento”. Nos EUA, representa uma pessoa zangada por ter de mudar um pneu furado. “*Jane and John have split up*” (Jane y John se han separado) significa, no Reino Unido, que o seu período escolar terminou. Nos Estados Unidos teria um significado bastante diferente. A lista pode ser multiplicada. “*Bouncing off the wall*” (Saltando na parede) não precisa de ser traduzido literalmente para outra língua. Será enganador.

Mais grave ainda, uma tradução literal, palavra por palavra, de *João 17:5* é enganadora. As palavras de Jesus traduzidas palavra por palavra, “*glorifica-me com a glória que tive contigo*”, induzem o leitor em erro ou enganam-no, levando-o a pensar que Jesus estava com o Pai antes de existir, de ter nascido! A expressão idiomática hebraica “ter algo com alguém” significa ter uma recompensa prometida e armazenada antecipadamente. Jesus avisou que a realização ostensiva de “boas obras” significará que “não temos” (tempo presente) “*recompensa junto do Pai*” (*Mateus 6:1*). Isto significa, claro, que, se fizermos bem, temos agora uma recompensa reservada para o futuro, uma recompensa que será dada quando Jesus voltar. Jesus, no mesmo discurso em *João 17*, falou de ter dado glória a cristãos que ainda nem tinham nascido quando Ele fez essa promessa! (*versículo 22*). Era a mesma glória que o Pai tinha prometido a Jesus. É uma glória preparada e planeada no céu com o Pai, pronta para ser dada no futuro. Jesus pediu, em *João 17:5*, para ser recompensado com a glória que lhe tinha sido prometida no fim do seu ministério. Era uma glória armazenada e prometida por Deus desde o princípio. Não era uma glória a ser “restaurada” para Ele, pois Ele nunca a teve.

Este problema é exatamente paralelo à ideia enganadora que a NVI transmite em alguns locais. Em João, são tomadas liberdades com o texto em prol do dogma herdado. Faz Jesus dizer o que não disse. A NVI traduz *João 16:28, 13:3 e 20:17* por “voltando” ou “regressando” ao Pai. Mas o Jesus histórico ainda não estava lá! Há uma grande diferença entre “ir”, que foi o que João escreveu, e “voltar”.

Outro exemplo de tradução enganadora encontra-se em muitas versões de *Lucas 23:43*. É uma questão de pontuação. Uma vez que Jesus ainda não tinha ido ter com o Pai no domingo da Sua ressurreição (*João 20:17*), não poderia ter prometido ao ladrão um lugar na Sua presença nesse dia, o dia da Sua morte. Jesus foi abandonado na sepultura, o mundo dos mortos, até à sua ressurreição no domingo (*Atos 2:27, 31, 32*). O ladrão pediu para ser lembrado quando Jesus regressar no futuro, inaugurando o seu Reino. A promessa de Jesus vai além do pedido e assegura-lhe, nesse mesmo dia, que estaria de facto com Jesus nesse futuro Reino de Deus, o paraíso restaurado (*Apocalipse 2:7*). “*Digo-te hoje [não precisas de esperar até ao futuro para teres esta garantia], que estarás comigo no futuro paraíso do Reino*” (compare, *Atos 20:26*). Desta forma, não será feito um versículo para contradizer *Lucas em 14:14 e 20:35*, onde as recompensas não são dadas até à ressurreição. Nem esse versículo será feito para contradizer e confundir o resto das Escrituras.

Claro que há versos que na sua sublime simplicidade e clareza deveriam ser definitivos. O mais impressionante deles é *Lucas 1:35*, onde as palavras do anjo definem com precisão o significado do título “o Filho de Deus”. Muito poucos versículos vêm com a sua própria definição “incorporada”, mas *Lucas 1:35* sim. Não são necessárias notas de rodapé ou glossário especial. *Lucas 1:35* inclui a sua própria explicação lúcida. Gabriel definiu como, porquê e onde Jesus será o Filho de Deus. Filho de Deus é aquele que é “por causa”, “precisamente por causa” (*dio kai*) do milagre realizado por Deus no seio de Maria. É “*por essa razão*” e não por outra que Jesus é o Filho de Deus. Esta declaração definidora exclui imediatamente qualquer possibilidade de um Filho “eternamente gerado”. Lucas e Gabriel não podiam ter sido trinitarianos, nem Jesus (*Marcos 12:29; João 17:3*).

O famoso comentário de *Godet* a Lucas tem razão quando afirma:

Com a palavra “*por essa razão*” o anjo refere-se às palavras anteriores: será chamado Filho do Altíssimo. Poderíamos parafraseá-lo: “E é precisamente por isso que Eu te disse...” Temos então aqui, da boca do próprio anjo, uma explicação autêntica do termo Filho de Deus, na primeira parte da sua mensagem. Após esta explicação, Maria só pôde compreender o título neste sentido: um ser humano de cuja existência o próprio Deus é o autor imediato. Não transmite a ideia de preexistência. <sup>[20]</sup>

Infelizmente, a Igreja ignorou a teologia explícita de Gabriel. Infelizmente, *Godet* também não provocou, como deveria, um repensar completo da cristologia. Em vez disso, ocorreu uma enxurrada de claras contradições do texto, para defender a amada “ortodoxia” conciliar. Um exemplo notável disso é a afirmação do *Dr. John MacArthur*: “Não acredito que o nascimento virginal, por si só, prove que Jesus é o Filho de Deus. Por outras palavras, *Jesus não é o Filho de Deus porque nasceu de uma virgem*. Nasceu de uma virgem porque era o Filho de Deus. “Jesus

<sup>[20]</sup> “*Commentary on Luke*” (Comentário sobre LUCAS) Funk and Co., 1881, pág. 58.

existia muito antes de Maria”.<sup>[21]</sup> Note-se que *MacArthur* está em oposição direta às Escrituras e a Gabriel. *J. P. Mackey* critica, com razão, *J.G. Davies* quando diz que “este ato criativo não deu origem a uma nova pessoa”. *Mackey* diz: “Com este tipo de improvisação, qualquer conclusão teológica poderia ser ‘provada pelas Escrituras’”.<sup>[22]</sup>

Os termos do que se tornou o credo oficial eram tão esmagadoramente complicados e abstratos que o estudioso e poeta unitarista *John Milton* se sentiu levado a lamentar a linguagem terrivelmente confusa em que foi apresentado como dogma:

O próprio Cristo, portanto, o Filho de Deus, não nos ensina nada no Evangelho sobre o Deus único, mas o que a Lei tinha ensinado anteriormente, e em toda a parte afirma claramente que Ele é o seu Pai. *João 17:3*: “Esta é a vida eterna: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste”. *20:17*: “Subo para o meu Pai e para o vosso Pai; ao meu Deus e ao vosso Deus”. Portanto, se o Pai é o Deus de Cristo e o mesmo é o nosso Deus, e se não há outro Deus, não pode haver Deus separado do Pai... Embora tudo isto seja tão evidente que não requer explicação – a saber, que só o Pai é um Deus auto existente, que um ser que não existe por si mesmo não pode ser Deus – é maravilhoso com que subtilezas fúteis, ou melhor, com que malabarismos, certos indivíduos se têm esforçado por escapar e obscurecer o significado claro. dessas passagens; não deixando pedra sobre pedra, recorrendo a todos os meios, tentando todos os meios, como se o seu objetivo não fosse pregar a Verdade pura e inalterada do Evangelho aos pobres e simples, mas à força da veemência e da obstinação manter algum paradoxo absurdo de cair, com a ajuda de sofismas e distinções verbais, tiradas da ignorância bárbara das escolas.<sup>[23]</sup>

*Sir Isaac Newton* não foi menos mordaz sobre a definição muito pouco judaica de Deus como Trindade:

*Newton* ficou quase obcecado com o desejo de expurgar o Cristianismo das suas doutrinas míticas. Convenceu-se de que os dogmas irracionais da Trindade e da Encarnação eram o resultado da conspiração, da falsificação e da trapaça... [*Newton* sustentou] que as doutrinas espúrias da Encarnação e da Trindade foram acrescentadas ao credo por teólogos sem escrúpulos no século IV. Na verdade, o Livro do Apocalipse profetizou a ascensão do Trinitarianismo – “esta estranha religião do Ocidente, a adoração de três deuses iguais” – como a abominação da desolação.<sup>[24]</sup>

Os leitores da Bíblia precisam de uma nova leitura do NT, com alguns dos encargos da “ortodoxia” posterior que agora bloqueiam a compreensão clara, removidos. Nenhuma tradução é definitiva, claro. Não existe uma tradução perfeita. Existem dezenas de formas diferentes de transmitir as mesmas proposições. A maior parte do NT é perfeitamente inteligível em muitas das diferentes versões. Os leitores da Bíblia devem utilizar diversas traduções. Nenhuma tradução transmite toda a verdade. Uns fazem-no muito melhor do que outros.

Sugerimos que alguns comentários contemporâneos sobre a doutrina tradicional da Encarnação de “Deus, o Filho” se tornar um homem, deveriam chocar os leitores ao perceberem que algo

<sup>[21]</sup> “*Unleashing God’s Word One Word at a Time*” (Libertar a Palavra de Deus, Uma Palavra de cada Vez), número 3.

<sup>[22]</sup> “*The Christian Experience of God as Trinity*” (A experiência cristã de Deus como Trindade), SCM Press, 1983, pág. 277.

<sup>[23]</sup> John Milton, “*On the Son of God and the Holy Spirit*” (Sobre o Filho de Deus e o Espírito Santo), British and Foreign Unitarian Association, págs. 15, 16, 20.

<sup>[24]</sup> Karen Armstrong, “*The Battle for God*” (A Batalha por Deus), Ballantine Books, pág. 69.

correu terrivelmente mal. O *Dr. Jim Packer* é bem conhecido pelos seus escritos evangélicos. No seu amplamente lido *Conhecer Deus*, num capítulo sobre “Deus Encarnado”, diz sobre a doutrina da Trindade e da Encarnação:

Eis dois mistérios pelo preço de um – a pluralidade de pessoas dentro da unidade de Deus e a união da Divindade e da humanidade na pessoa de Jesus. É aqui, no que aconteceu no primeiro Natal, que residem as profundezas mais profundas e insondáveis da revelação cristã. “*O Verbo fez-se carne*” (*João 1:14*); Deus fez-se homem; o Filho divino tornou-se judeu; o Todo-Poderoso apareceu na terra como um bebé indefeso, incapaz de fazer mais do que mentir, olhar, contorcer-se e fazer barulho, necessitando de ser alimentado, trocado e ensinado a falar como qualquer outra criança. E não houve nesta ilusão nem engano: a infância do Filho de Deus foi uma realidade. Quanto mais se pensa sobre isso, mais incrível se torna. *Nada na ficção é tão fantástico como esta verdade da Encarnação*. Este é o verdadeiro obstáculo no Cristianismo. É aqui que os Judeus, os Muçulmanos, os Unitarianos, as Testemunhas de Jeová... têm sofrido... Se ele era verdadeiramente Deus Filho, é muito mais surpreendente que morra do que que ressuscite. “É um grande mistério! O imortal morre”, escreveu [*Charles*] *Wesley*... e se o Filho imortal de Deus se submeteu realmente ao sabor da morte, não é de admirar que tal morte tenha um significado salvador para uma raça condenada. Uma vez que admitimos que Jesus era divino, torna-se irracional encontrar dificuldades em nada disto; Está tudo inteiro e bloqueia completamente. A Encarnação é em si mesma um mistério insondável, mas dá sentido a tudo o resto que o NT contém. <sup>[25]</sup>

Se a descrição lucidamente simples de Lucas sobre o Filho de Deus se tivesse mantido como doutrina oficial do Filho de Deus, o curso da fé cristã e da história da igreja teria sido muito diferente: “*Portanto, também o Santo que há de nascer nascerá. ser chamado Filho de Deus*” (*Lucas 1:35*) foi bastante fácil. Mas quando os evangélicos reescrevem a história bíblica e leem um Filho eterno de Deus, este é o resultado. *Charles Swindoll*, Chanceler do Seminário Teológico de Dallas, escreve:

No dia 25 de dezembro, as empresas fecham as portas, as famílias reúnem-se e as pessoas de todo o mundo recordam o nascimento de Jesus de Nazaré... Muitas pessoas assumem que a existência de Jesus começou como a nossa, no ventre da sua mãe. Mas será que isso é verdade? A vida começou para ele com aquela primeira lufada de ar da Judeia? Poderá um dia de dezembro marcar realmente o início do Filho de Deus? Ao contrário de nós, Jesus existia antes do seu nascimento, muito antes de haver ar para respirar... muito antes de o mundo nascer.

*Swindoll* continua explicando:

João Batista nasceu no seu nascimento – fazia anos. Jesus nunca existiu; no seu nascimento terreno simplesmente assumiu forma humana... Eis um pensamento incrível: o bebé que Maria segurava nos braços segurava o universo no seu lugar! Os pequenos lábios recém-nascidos que arrulhavam e choravam formavam as palavras dinâmicas da criação. Estes pequenos punhos lançaram uma vez estrelas para o espaço e planetas em órbita. Aquela bela carne infantil já albergou o Deus Todo-Poderoso... Como um bebé comum, Deus veio à terra... Veem a criança e a glória do Deus-criança? O que está a ver é a Encarnação – Deus vestido com panos... Veja o bebé como João o descreve “no princípio” “com Deus”. Imagine-o no passado nebuloso antes da criação, a pensar em si e a planear a sua redenção. Visualize este mesmo Jesus, que tecer os intrincados padrões do seu corpo, tecendo para si uma veste humana... Há muito

<sup>[25]</sup> *J.I. Packer*, “*Knowing God*” (Conhecer a Deus), Intervarsity Press, 1998, págs. 46-47, énfasis añadido.

tempo, o Filho de Deus mergulhou de cabeça no tempo e flutuou connosco durante cerca de 33 anos. em panos. <sup>[26]</sup>

O *Dr. Swindoll* cita então *Max Lucado*, que diz sobre Jesus: “Saiu de casa e entrou no ventre de uma adolescente... Os anjos observaram enquanto Maria mudava a fralda a Deus. O universo assistiu com espanto enquanto o Todo-Poderoso aprendia a andar. As crianças brincavam na rua com ele”. <sup>[27]</sup>

Ninguém que abra um NT e leia a incomparável história da origem de Jesus será enganado ao pensar que “Deus nasceu”, ou que, como disse um padre católico romano na televisão: “Deus veio ter com Maria e disse: ‘Queres Por favor, ser a minha mãe?’”

Oferecemos esta versão do NT com o objetivo de restaurar a verdade de que Deus é uma Pessoa, que Jesus é o Messias, Filho de Deus por milagre, e que o Evangelho salvador é sobre o Reino de Deus, tal como pregado por Jesus, e tudo aquilo que Jesus disse e fez para instruir no caminho que conduz à vida indestrutível no futuro Reino de Deus. Jesus, claro, também falou em Paulo e nos outros escritores das Escrituras do NT. E nenhum destes escritores descartou os preciosos escritos da Bíblia Hebraica, mas em vez disso desenvolveu as verdades da Nova Aliança, trabalhando a partir das Escrituras Hebraicas que Jesus tinha endossado como cânone inspirado em *Lucas 24:44*.

Se estamos à procura da mente de Cristo, o lugar óbvio para começar é *Marcos 1:14, 15*, a primeira ordem de Jesus para todos nós. “*Jesus veio anunciar o Evangelho de Deus. Ele disse: ‘O tempo previsto chegou. O Reino de Deus está a chegar em breve. Arrependei-vos e crede no Evangelho do Reino’*”. O Evangelho de Deus é o Evangelho da salvação que tem origem em Deus. O evangelho salvador do **Reino de Deus** foi pregado por todos os escritores do NT e, claro, primeiro pelo próprio Jesus (*Hebreus 2:3*). Deus emite a declaração final a respeito do Reino, e o Seu grande programa de imortalidade é modelado no homem Jesus e ensinado por ele um evangelho salvador, para além, claro, da sua morte e ressurreição substitutivas. O “*testemunho de Jesus*” no Apocalipse significa a própria pregação do Evangelho de Jesus que alguém deve ouvir para ser salvo (*Romanos 10:14-17; Lucas 8:12*); “*o evangelho do século futuro*” (*Apocalipse 14:6*); o Reino prestes a começar (*Lucas 21:31; Apocalipse 11:15-18*, comparar, *Lucas 19:11* e seguintes).

O arrependimento significa uma reorientação completa no pensamento e na compreensão, e no estilo de vida. A primeira ordem de Jesus é, portanto, acreditar no Evangelho sobre o Reino de Deus, que é o império do Messias, certamente não apenas um reino figurativo “no coração”. Algumas traduções, como *Ferrar Fenton*, traduzem corretamente *Daniel 2:44*: “*Nos dias daqueles reis, o Deus do céu estabelecerá um império eterno, que é indestrutível, cuja soberania não será transferida para outro povo*”. Assim também em *Daniel 7:17, 18, 22, 27*:

Estas quatro grandes bestas que viste são quatro **grandes impérios** que serão estabelecidos na terra. Os santos do Altíssimo tomarão então o império e o possuirão para todo o sempre.... Chegou a hora dos santos possuírem **o império... O império** e o domínio e a grandeza **do império sob todos os céus** irão seja dado ao Povo Santo do Altíssimo. Todas as nações os servirão e obedecerão.

<sup>[26]</sup> “*Jesus: When God Became a Man*” (Jesús: Cuando Dios Se Hizo Hombre), W. Publishing Group, 1993, págs. 1-8, énfasis añadido.

<sup>[27]</sup> *Ibid.*, pág. 10, citando a *Max Lucado*, “*God Came Near*” (Deus se aproximou), Thomas Nelson, 2004.



Por isso, em parte alguma do NT é dito que a recompensa dos fiéis é “ir para o céu”, mas sim ter governo sobre dez ou cinco cidades (*Lucas 19:17, 19*). Jesus repetiu esta mesma promessa do evangelho quando disse aos apóstolos: “*Vós que me seguistes, quando o mundo renascer e o Filho do Homem se sentar no seu trono de glória, também vós vos sentareis em doze tronos, governando as doze tribos de Israel*” (*Mateus 19:28*). Paulo ficou surpreendido ao ver que os seus convertidos se tinham esquecido da verdade elementar de que os santos “*dominarão o mundo*” (*1 Coríntios 6:2*). Jesus será o chefe de Estado no Reino vindouro e os santos serão os seus assistentes, governantes associados, príncipes (ver *Daniel 2:44; 7:14, 18, 22, 27; Isaías 32:1*). “No Apocalipse, o eterno Reino Messiânico é colocado numa terra renovada para que Cristo possa vir ao seu povo na terra, em vez de o reunir numa morada celestial.” [28]

Para começar a ler bem a Bíblia, é essencial que compreenda o evangelho salvador do Reino de Jesus. Que melhor lugar para definir o Reino do que no evangelho de Mateus? A análise da frase de Mateus “*Reino de Deus*” [29] oferecida pelo professor de Oxford é lucidamente clara. E uma vez que o Reino é o Termo chave para a compreensão de toda a pregação do NT, oferecemos a seguinte excelente declaração do professor. Interpretar mal o “Reino” é interpretar mal todo o ensino do NT sobre o Evangelho que nos salva e nos leva à imortalidade.

O Reino – o **tema central** da doutrina de Cristo... Com isto **iniciou** o seu ministério (4:17), e onde quer que fosse, ensinava-o como boas novas [**Evangelho**] (4:23). O Reino, ensinava, viria, **mas não durante a sua vida**. Após a sua ascensão, viria como o Filho do Homem nas nuvens do céu (16:27; 19:28; 24:30; 25:31) ... e sentar-se-ia no trono da sua glória.... Então os doze apóstolos Eles sentar-se-iam em doze tronos julgando as doze tribos de Israel (19:28). Entretanto, ele próprio deve sofrer e morrer, e ressuscitar dos mortos. De que outra forma poderia vir sobre as nuvens do céu? E os seus discípulos deviam **pregar as Boas Novas [Evangelho] do Reino vindouro** (10:7; 24:14) entre todas as nações, fazendo discípulos pelo **batismo** [nas águas] (28:18). O corpo de discípulos assim obtido formaria naturalmente uma sociedade unida por objetivos comuns... Portanto, os discípulos do Reino formariam um novo Israel espiritual (21:43) [comparar, *Gálatas 6:16; Filipenses 3:3*] ...

Tendo em conta as necessidades deste novo Israel dos discípulos de Cristo... que aguardavam a sua vinda nas nuvens do céu, é natural que grande parte do ensinamento registado no Evangelho se refira **às qualidades exigidas a quem esperava entrar no Reino quando Ele veio**. ... [Assim, as parábolas] transmitem alguma lição sobre a natureza do Reino e o **período de preparação para ele [sementeira antes da colheita]** ... [As parábolas] ensinam lições sobre o Reino dos céus **no sentido em que esta frase é usada em todo o seu Evangelho, do Reino que havia de vir quando o Filho do Homem veio nas nuvens do céu**. Assim, a parábola do semeador ilustra a **recepção diversificada das boas novas [Evangelho] do Reino tal como é pregado entre os homens**. A questão do joio também não é sobre o Reino em si, mas sobre o **período de preparação para o mesmo**. **No fim dos tempos o Filho do Homem virá inaugurar o seu Reino**... Nada, aqui ou em qualquer outro lugar deste Evangelho, sugere

[28] David Aune, “*Word Biblical Commentary*” (Comentário Bíblico de Word), *Apocalipses 17-22*, Thomas Nelson, 1998, pág. 1069.

[29] Ou o seu exato sinónimo “Reino dos Céus”.

que **o cenário do Reino seja diferente do mundo renovado**, restaurado e purificado de hoje.  
[30]

A última frase da nossa citação destaca de forma excelente que Mateus (e todo o NT, aliás, toda a Bíblia) não espera que os crentes “vão para o céu”, mas sim que Jesus regressará à terra para governar com eles numa nova era. terra (*Apocalipse 5:9-10; Mateus 5:5; Daniel 7:14, 18, 22, 27*). O leitor perspicaz do NT notará a notável diferença entre a visão bíblica do Reino e, portanto, do Evangelho da salvação, e aquilo que nos tempos post-bíblicos foi substituído por ela: uma partida dos fiéis após a morte para um reino removido. Terra. (O *Bispo Tom Wright* tenta ter ambos os sistemas quando fala sobre “Vida após a vida após a morte”. É melhor livrar-se da vida filosoficamente baseada antes da ressurreição, o que sempre significa vir não da vida, mas da morte! não haverá ressurreição dos mortos, se a pessoa não estiver realmente morta!

A ideia popular de que o Reino é principalmente um estado de espírito ou estilo de vida “espiritual” agora, ou uma ética social que espera trazer o Reino *agora*, é falsa para o NT. José de Arimateia, cristão, estava “à espera do Reino” após o ministério de Jesus (*Marcos 15:43*). *Lucas 19:11-27* ensina-nos a ligar a chegada do Reino com **o futuro regresso de Jesus** (compare, acima: “O Reino, ele ensinou, viria, mas não durante a sua vida”). Assim dizem os principais analistas dos registos evangélicos.

Podemos acrescentar uma declaração adicional de uma autoridade reconhecida em Lucas:

Não se pode realmente argumentar que Lucas se refere ao Reino como uma **entidade futura**. A interpretação espiritualizante segundo a qual o Reino está presente no Espírito e na Igreja é completamente enganadora... É a *mensagem* do Reino que está presente, que em Lucas se distingue do próprio Reino. Ele nada sabe sobre um desenvolvimento imanente [isto é, já presente] com base na pregação do Reino. [31]

A “*Enciclopédia Bíblica Padrão Internacional*” (Enciclopédia Bíblica Padrão Internacional) coloca corretamente a ênfase no futuro e assim esclarece o evangelho cristão e, portanto, a fé cristã:

“*O Reino de Deus está próximo*” tinha a conotação inseparável de “o juízo está próximo” e, neste contexto, “*arrependei-vos*” em *Marcos 1:14, 15* deve significar “*para que não sejais julgados*”. [32] Portanto, o ensinamento do nosso Senhor sobre a salvação tinha sobretudo um conteúdo futuro: positivamente a admissão [entrada] no Reino de Deus e negativamente, a libertação do juízo anterior [fogo]. Portanto, o Reino de Deus é o bem supremo do ensino de Cristo... A natureza do homem deve estar perfeitamente adaptada ao seu ambiente espiritual e o homem deve estar com Cristo (*Lucas 22:30*) e com os patriarcas (*Mateus 8:11*). Qualquer que seja o Reino, [?!] não se esgota, certamente, numa mera reforma da ordem atual das coisas materiais. [33]

[30] WC Allen, MA, “*The Dictionary of Christ and the Gospels*” (O Dicionário de Cristo e os Evangelhos), vol. II, pp. 144-145, sublinhado nosso. Allen expressa a mesma visão do Reino no seu comentário a Mateus (*The International Critical Commentary – O Comentário Crítico Internacional, St. Matthew*, T&T Clark, 1907, pp. lxxvii-lxxxi).

[31] Hans Conzelmann, “*The Theology of St. Luke*” (A Teologia de São Lucas), Harper and Row, 1961, pág. 122.

[32] A noção popular de um fogo do inferno torturante e interminável para os ímpios é completamente antibíblica. O destino dos ímpios incorrigíveis, após a plena exposição ao Evangelho, é a aniquilação, deixando de existir. Veja *Fudge, “The Fire That Consumes”* (O fogo que consome), Providential Press, 1982 (prólogo de F.F. Bruce).

[33] “*International Standard Bible Encyclopedia*” (Enciclopédia Bíblica Padrão Internacional), Eerdmans, 1929, vol. 4, pág. 2667

*Eduard Schweizer* é igualmente claro quanto a isto:

*Marcos 1:14, 15*: Marcos resume brevemente a pregação de Jesus. Pregação e Boa Nova (Evangelho) são as expressões preferidas de Marcos. **O chamamento evangélico de Jesus é claramente resumido em 1:15**, onde a associação de arrependimento e fé revela a linguagem da igreja (*Atos 5:31; 11:18; 20:21*). A preocupação de Marcos é deixar claro que nesta pregação Jesus continua a sair pelo mundo e este apelo, por isso, é também dirigido a quem hoje lê este Evangelho. Consequentemente, esta secção serve como **título** de todo o Evangelho (comparar, o epílogo).

Reino de Deus. Quando Jesus proclama que o Reino de Deus está próximo, está a adotar um conceito cunhado no AT. Embora denote a soberania de Deus sobre a criação (*Salmos 103:19; 145:11* segs.), **refere-se principalmente à soberania indiscutível de Deus no tempo do fim (Isaías 52:7)** ... O judaísmo falava do reino de Deus que vem após a aniquilação de todo o inimigo [*Isaías 24:6*] e o fim de todo o sofrimento... No NT, o **Reino de Deus** é concebido, antes de tudo, como algo no futuro (*Marcos 9:1, 47; 14:25; Mateus 13:41-43; 20:21; Lucas 22:16, 18; 1 Coríntios 15:50; Lucas 21:31*, et al) que vem de Deus (*Marcos 9:1; Mateus 6:10; Lucas 17:20; 19:11*). Portanto, é algo que o homem **só pode esperar** (*Marcos 15:43*), procurar (*Mateus 6:33*), receber (*Marcos 10:15*; comparar com *Lucas 12:32*) e herdar (*1 Coríntios 6:9ss; Gálatas 5:21; Tiago 2:5*), mas ele próprio não é capaz de o criar... Nas ações e palavras de Jesus, o futuro Reino já chegou até ele. Nesse preciso momento é decidido se estará ou não no Reino... **O arrependimento não é mais do que um compromisso de todo o coração com a Boa Nova [do Reino].** <sup>[34]</sup>

*Ernest Scott, D.D.*, professor do NT no “*Union Theological Seminary*” (Seminário Teológico da União), por outro lado, revela a confusão desesperada em que a Igreja caiu em relação ao Evangelho de Jesus e, portanto, à fé cristã. Parece inseguro quanto ao Evangelho, mas dá-nos uma boa ideia do que significava para Jesus e para os seus seguidores:

Parece quase impossível definir o “Evangelho” cristão. Por vezes é identificado com a nossa religião no seu todo, outras vezes com algum elemento que é considerado central. Aceitar o Evangelho é acreditar na expiação ou no amor de Deus, ou na revelação em Cristo ou no facto da fraternidade humana [!]. Contudo, é bom lembrar que a palavra agora usada de forma **tão vaga** tinha a princípio um significado que era **claramente compreendido**. “Jesus veio à Galileia, pregando o Evangelho do Reino de Deus e dizendo: ‘Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo’”. O Evangelho teve um desenvolvimento maravilhoso..., mas a Boa Nova foi sempre essencialmente o que foi. no primeiro – **o anúncio do Reino**. É evidente, pela forma como Jesus fez o anúncio, que retomou uma ideia que já lhe era familiar. Não explicou o que queria dizer com Reino, **porque podia presumir que todos os seus ouvintes estavam ansiosos por isso**. A sua esperança foi novamente estimulada por João Batista.... Há muito que pensavam no Reino e perguntavam-se quando chegaria, e agora tinha surgido um profeta que declarou que estava próximo... **Na religião de Israel devemos procurar a origem imediata da ideia do Reino de Jesus...** A ideia persistiu muito depois de a casa real ter sido firmemente estabelecida de que o rei reinante era apenas o vice-regente do Rei invisível... Israel tinha sido escolhido por um único Deus que até era agora conhecido apenas pelo Seu próprio povo, mas que era, no entanto, Rei de toda a terra.... **Aproximava-se o dia em que todas as nações seriam donas de Sua soberania...** Nos níveis mais elevados da profecia, o Israel purificado do futuro é concebido atraindo todas as nações, pelo seu elevado exemplo, ao serviço do Deus Único. Mais frequentemente, presume-se que Israel, quando totalmente disciplinado, será restaurado ao favor de Deus e promovido por Ele ao lugar de soberania (*Atos*

<sup>[34]</sup> “*The Good News According to Mark*” (As Boas Novas Segundo Marcos), John Knox Press, 1970, págs. 45-47.

1:6). Como Rei deste povo preeminente, Deus reinará finalmente sobre o mundo... Por um lado, Deus já é Rei. Por outro lado, reconhece-se que a realeza está no futuro.... Eles aguardam **com expectativa o dia** em que Ele superará todos os poderes usurpadores e se estabelecerá como Rei. Assim, os profetas têm diante de si **a visão de uma nova era em que o Reino de Deus se manifestará plenamente**. Nesse tempo feliz, Israel será exaltado, a causa da justiça será estabelecida, a terra será preenchida com a glória do Senhor. Nesse dia, a natureza será restaurada à sua glória original, o lobo deitara-se com o cordeiro e o gado alimentar-se-á em grandes pastagens. A luz da lua será como a luz do sol. Ele [e o Seu Messias] reinará desde o Monte Sião e todas as nações O servirão. Rei sobre uma nação justa, Ele estenderá o Seu domínio sobre toda a terra. <sup>[35]</sup>

A admissão de um dos principais estudiosos evangélicos da atualidade, *N.T. Wright* confirma o caos em que o Evangelho caiu:

De certa forma, tenho trabalhado neste livro intermitentemente durante a maior parte da minha vida. Comecei a pensar seriamente, porém, quando fui convidado, em 1978, para dar uma palestra em Cambridge sobre “O Evangelho nos Evangelhos”. Não só o tema era incrivelmente vasto; **Não entendi. Portanto, eu não tinha uma resposta real** para a questão de como toda a vida de Jesus, e *não apenas a sua morte isolada na cruz*, era de alguma forma “evangelho”. Quinze anos subsequentes de ensino em Cambridge, Montreal e Oxford convenceram-me de que esta questão... vale a pena ser colocada. <sup>[36]</sup>

Mas a questão é igualmente desconcertante para milhões de leitores da Bíblia. Isto não deveria ser assim.

Outras autoridades apontam-nos na direção certa: “No livro dos Atos, o Reino de Deus era ainda a fórmula geral para a substância do ensino cristão”. <sup>[37]</sup> Esta fórmula está ausente dos tratados evangélicos que promovem a salvação.

Nos lábios de Jesus, o termo Reino de Deus resumia inquestionavelmente o próprio âmago da sua Mensagem. “O Reino de Deus é o tema central do ensino de Jesus e envolve **toda a compreensão da sua própria pessoa e obra**.” <sup>[38]</sup> *Lucas 4:43* é repetido por Paulo em *Atos 20:24, 25*, onde Paulo define o seu próprio ministério como Evangelho da graça de Deus = **a pregação do Evangelho do Reino**.

“O Reino anunciado pelo Messias, que é o Filho do Homem, só é possível através da sua morte e só será final e plenamente realizado **na terra com o seu regresso glorioso. Este é realmente o coração do Evangelho**”. <sup>[39]</sup>

<sup>[35]</sup> “*The Kingdom of God in the New Testament*” (O Reino de Deus no Novo Testamento), Macmillan Co., 1931, págs. 11-21.

<sup>[36]</sup> “*Jesus and the Victory of God*” (Jesus e a Vitória de Deus), Fortress Press, 1996, vol. 2, pág. xiv.

<sup>[37]</sup> “*Hastings Dictionary of the Bible*” (Dicionário Hastings da Bíblia), vol. II, pág. 855.

<sup>[38]</sup> *Alan Richardson*, “*Theological Word Book of the Bible*” (Livro De Palavras Teológicas Da Bíblia), SCM Press, 1950, pág. 119. “Torneio de golfe” e “torneio de ténis” não teriam sentido se “golfe” e “ténis” não fossem compreendidos.

<sup>[39]</sup> *Donald Hagner*, “*Word Biblical Commentary, Matthew 1-13*” (Comentário Bíblico Word, Mateus 1-13), 1993, pág. 214.

A compreensão essencial transmitida pelo ensino de Jesus é captada por estas proposições sobre o Messias: “*O Filho de Deus veio dar-nos entendimento para que possamos conhecer a Deus*” (1 João 5:20). “*Com o seu conhecimento o meu servo tornará muitos justos*” (Isaías 53:11).

O NT baseia-se no Antigo. Jesus veio para:

**1) Proclamar o Evangelho do Reino de Deus** (*Lucas 4:43*; João anuncia o mesmo Evangelho do Reino, *Mateus 3:1*). Este é o ponto principal do Cristianismo, incluindo, claro, a morte e ressurreição de Jesus. Jesus ordena aos crentes que continuem a anunciar o mesmo Evangelho do Reino (*Mateus 28:19, 20*).

**2) Confirmar as promessas abraâmicas e davídicas feitas aos pais** (*Romanos 15:8; Gálatas 3:8*).

**3) Dá-nos entendimento para que possamos conhecer Deus** (1 João 5:20).

**4) Tornar as pessoas justas, justas diante de Deus, não apenas pela sua morte, mas pelo seu conhecimento** (*Isaías 53:11; Daniel 12:3*).

**5) Convide todos os que acreditam no plano de Deus para si e para o mundo a prepararem-se agora para governar o mundo com Jesus quando Ele regressar.** “*Não sabe que os santos vão governar o mundo?*” (1 Coríntios 6:2, Moffat; veja também *Daniel 7:14, 18, 22, 27; Apocalipse 3:21; 2:26; 5:10; 20:1-6; Mateus 5:5; 19:28; Isaías 16:5*;

**6) Lançar a semente da mensagem do Evangelho do Reino.** Em *Lucas 8:12* e *Marcos 4:11, 12*, uma recepção inteligente do Evangelho do Reino é a condição necessária para o arrependimento e o perdão. Sem uma declaração clara sobre o Reino, como pode alguém arrepender-se e crer em Jesus?

Nos tempos post-bíblicos, a fé original no Evangelho do Reino sofreu uma alteração massiva, transformando o Evangelho em algo muito diferente. Os gregos, e não os judeus, tornaram-se líderes da igreja e importaram uma filosofia grega estranha aos ensinamentos da igreja. *Gálatas 3:8*, que define o Evangelho Cristão como o conteúdo das promessas **feitas a Abraão**, relativas à terra, à descendência e às bênçãos, não se encontra nas versões contemporâneas do “Evangelho”.

*Billy Graham* estava errado quando afirmou que “Jesus veio para fazer três dias de trabalho, para morrer, para ser sepultado e para ser ressuscitado”.<sup>[40]</sup> Esta máxima tornaria a pregação do Evangelho de Jesus praticamente desnecessária. Um “Dispensacionalismo” fatal está subjacente a muitas pregações populares. *1 Timóteo 6:3; 2 João 7-9, Hebreus 2:3; e João 3:36* são um bom aviso.

Talvez a frase mais profundamente perturbadora de Jesus esteja em *Mateus 7:21-23*: “*Nem todo aquele que me diz: ‘Senhor, Senhor’, entrará no Reino dos céus [Reino de Deus]; antes, são aqueles que fazem a vontade de meu Pai que está nos Céus. Haverá muitos que me dirão no dia do juízo: ‘Senhor, Senhor, não nós pregamos para ti e expulsámos os demónios em teu nome, e*

<sup>[40]</sup> “*What is the Gospel?*” (O que é o evangelho?) *Roy Gustafson*, Billy Graham Association, 1980. Da mesma forma, antibíblica é a noção de Billy Graham sobre a perspectiva dos crentes de “polir arco-íris no céu” e “preparar pratos celestiais”. (“*Hope for the Troubled Heart*” – Esperança para o coração perturbado, Harper Collins, 1993, pág. 214).

*pela tua autoridade fizemos muitos milagres?’ Então dir-lhes-ei: ‘Nunca te reconheci. Afastai-vos de mim, vós que praticais o mal’.*

Esta declaração é feita em estreita ligação com *Mateus 7:13, 14*, onde Jesus adverte: “*Entrai [no Reino] pela entrada estreita, pois larga é a entrada e espaçoso o caminho que conduz à destruição, e muitos vão por esse caminho. Mas pequena é a entrada e estreito é o caminho que conduz à Vida [no Reino], e poucos o encontram*”. E depois, no mesmo fôlego, Jesus disse: “*Acautelai-vos dos falsos profetas, que vêm disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos ferozes. Reconhecê-los-eis pelos seus frutos*” (7:15, 16). (Compare-se a parábola do semeador para ver que semente é necessária para produzir o verdadeiro fruto: *Mateus 13:19: “a palavra do Reino”, Marcos 4, Lucas 8*).

Agora ligue isto a outra referência de Jesus às pessoas a dizer: “*Senhor, Senhor*”: “*Porque é que me chamas ‘Senhor, Senhor’, quando te recusas a fazer o que eu digo? Deixe-me dar uma ilustração de alguém que vem ter comigo, ouve as minhas palavras e as pratica. É como um homem que construiu uma casa...*” (*Lucas 6:46-48*). Aquele que ouve as palavras/ensinamentos de Jesus, mas não os pratica, está a construir a sua casa sem alicerces. Só aqueles que ouvem e obedecem às palavras de Jesus são verdadeiros cristãos.

Portanto, a forte e alarmante advertência de Jesus é simplesmente esta: é fatal dirigir-se a Jesus como “Senhor”, se não lançarmos também o fundamento da crença nos seus ensinamentos e nos ensinamentos do Evangelho, o Evangelho do Reino. Por outras palavras, Jesus sem o seu Evangelho da palavra e das palavras do Reino é um Jesus falso e falsificado. Chamar “Senhor” a Jesus e não acreditar nos seus ensinamentos e palavras é a armadilha fatal em que não devemos cair. Os falsos profetas são aqueles que falam sobre Jesus, mas não sobre os seus ensinamentos/palavras do Evangelho. Quando a frase “Evangelho do Reino” estiver ausente, tenha cuidado! Fique alarmado!

Esta advertência central e dramática foi tão essencial que foi repetida tanto pelos apóstolos Paulo como por João. Em *1 Timóteo 6:3*, Paulo disse: “*Se alguém não segue os ensinamentos de Jesus*”, fique alarmado e tenha cuidado. Está a ser enganado!

João repetiu exatamente a mesma advertência apostólica em *2 João 7-10*: “*Muitos enganadores têm saído pelo mundo, que não confessam que Jesus, o Messias, veio como um ser plenamente humano. Este é um enganador e um anticristo... Quem em nome do “progresso” não permanece no ensino do Messias não tem Deus. A pessoa que permanece no seu ensino tem tanto o Pai como o Filho. Se alguém vier ter contigo e não te trazer este ensinamento, não o recebas em tua casa nem o cumprimentes como um irmão na fé*”. Devemos distanciar-nos de quem não enfatiza, enfatiza e insiste no ensinamento do **Evangelho e nos ensinamentos do Messias Jesus**.

Agora, por favor, ouçam estas declarações dos últimos tempos. *James Kennedy* de *Coral Ridge Ministries* (falecido em 2007):

**Muitas pessoas hoje pensam que a essência do Cristianismo são os ensinamentos de Jesus. Isto não é assim.** Os ensinamentos de Jesus são de certa forma secundários em relação ao Cristianismo. Se ler as epístolas do apóstolo Paulo, que constituem cerca de metade do NT, verá que quase nada é dito sobre os ensinamentos de Jesus. Nenhuma das suas parábolas é mencionada. Na verdade, no resto do Novo Testamento há poucas referências aos ensinamentos de Jesus. No Credo dos Apóstolos, o credo cristão mais universalmente defendido, não há qualquer referência

aos ensinamentos de Jesus nem ao exemplo de Jesus. Na verdade, ao narrar a vida terrena de Cristo, o credo afirma simplesmente que Ele “nasceu da virgem Maria, sofreu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morreu e foi sepultado”. Refere apenas dois dias na vida de Jesus: o dia do seu nascimento e o dia da sua morte. **O cristianismo não se centra nos ensinamentos de Jesus, mas na pessoa de Jesus como o Deus encarnado que veio ao mundo para assumir sobre Si a nossa culpa e morrer em nosso lugar.** <sup>[41]</sup>

Também de *Kennedy*:

Mas Jesus diz: “*Eu sou o caminho*”. **Não são os ensinamentos de Jesus, não são a pregação de Jesus**, não são o exemplo de Jesus, não são o Sermão da Montanha, não são as bem-aventuranças, ou qualquer outra coisa que Ele tenha ensinado ou dito é o caminho. O caminho é o próprio Cristo, a segunda Pessoa divina da Trindade, o Criador das galáxias que veio a este mundo. <sup>[42]</sup>

Esta é uma falsidade enorme e flagrante, uma vez que Paulo pregou o mesmo Evangelho do Reino que Jesus, a todos, tanto judeus como gentios, em *Atos* (14:22; 19:8; 20:24, 25; 28:23, 31).

Ora, esta declaração igualmente surpreendente e alarmante de outro proeminente académico evangélico, o *Dr. Harold O.J. Castanho*:

O Cristianismo tem o nome do seu fundador, ou melhor, de como foi chamado, o Cristo. O budismo também tem o nome do seu fundador. E os não muçulmanos chamam muitas vezes ao Islão Maometismo. Mas enquanto o Budismo e o Islamismo se baseiam principalmente nos ensinamentos de Buda e de Maomé, respetivamente, **o Cristianismo baseia-se principalmente na pessoa de Cristo. A fé cristã não é acreditar no seu ensino**, mas no que é ensinado sobre ele. O apelo dos liberais protestantes para “acreditarmos como Jesus acreditava”, em vez de acreditarmos em Jesus, é uma transformação dramática da natureza fundamental do Cristianismo. <sup>[43]</sup>

Isso é uma mentira colossal. Não se pode acreditar em Jesus e não acreditar nos seus ensinamentos!

Depois também *C.S. Lewis*. Lewis nega Jesus enquanto afirma segui-Lo! Escreveu: “**Os evangelhos não são ‘o evangelho’**, a declaração da fé cristã”. <sup>[44]</sup> Então as palavras de Jesus não são o evangelho! Esta deve ser a maior falsidade, o maior engano. Então Jesus tem de ser resgatado da “igreja”!

*Dr. James Dunn*:

*Hurtado* não acha **necessário que Jesus tenha pensado e falado de si mesmo nos mesmos termos que os seus seguidores pensaram e falaram dele** nas décadas após a sua crucificação, para que as convicções desses seguidores sejam tratadas como válidas pelos cristãos de hoje;

<sup>[41]</sup> *D. James Kennedy y Jerry Newcombe*, “*The Presence of a Hidden God*” (A Presença de um Deus Oculto), 2008, capítulo “*How I Know Jesus Is God*” (Como Sei que Jesus É Deus), pág. 82, sublinhado acrescentado.

<sup>[42]</sup> “*The Only Way*” (O Único caminho), devocional de *Daily Truth*, sublinhado acrescentado.

<sup>[43]</sup> “*Heresies*” (Heresias), 1984, pág. 13, sublinhado acrescentado.

<sup>[44]</sup> “*Introduction to J.B. Phillips’ Letters to Young Churches*” (Introdução às Cartas de J.B. Phillips às Igrejas Jovens), págs. 9-10, sublinhado acrescentado.

embora ele também aponte que a maioria dos cristãos provavelmente pensa que houve “algum grau de continuidade” entre o que Jesus pensou de si mesmo e a cristologia posterior. <sup>[45]</sup>

## Já leu o Novo Testamento?

O professor Richard Hiers fez a seguinte admissão surpreendente: “Os intérpretes de **convicção cristã geralmente não têm estado especialmente interessados naquilo que Jesus pretendia e fez no seu próprio tempo**”. <sup>[46]</sup>

Observe isto cuidadosamente do *Dr. H.A. Wolfson*, principal autoridade sobre o que os “pais da igreja” post-bíblicos fizeram:

A conceção da Trindade dos Padres da Igreja era uma combinação do monoteísmo judaico e do politeísmo pagão, só que para eles esta combinação era uma boa combinação. Na verdade, era para eles **uma combinação ideal do melhor do monoteísmo judaico e do melhor do politeísmo pagão** e, conseqüentemente, glorificaram-se nele e apontaram-no como prova da sua crença. Sobre isto temos o testemunho de *Gregório de Nissa*, uma das grandes figuras da história da formulação filosófica da doutrina da Trindade. As suas palavras são repetidas por *João de Damasco*, o último dos Padres da Igreja. A conceção cristã de Deus, defende *Gregório de Nissa*, não é nem o politeísmo dos gregos nem o monoteísmo dos judeus e, conseqüentemente, deve ser verdadeira. “Pois a verdade passa no meio [meio] entre estas duas conceções, destruindo cada heresia, e ainda aceitando o que é útil para cada uma. **O dogma judaico é destruído** pela aceitação da Palavra e pela crença no Espírito, enquanto o erro politeísta da escola grega desaparece pela unidade da natureza que anula esta imaginação de pluralidade” (Oração Catequética, 13). <sup>[47]</sup>

Os padres da igreja admitiram que estavam a rejeitar a compreensão judaica (e de Jesus) de Deus. Elaboraram as subseqüentes definições terrivelmente complicadas de Deus e de Jesus em relação a Deus, e viram-se presos numa teia de argumentos impossivelmente difíceis, tentando explicar como é que Deus pode ser um e ainda assim três.

Mas a verdade fácil é esta: “Não há qualquer indicação de que Jesus teria compreendido o ‘Pai’, de quem se sentiu enviado e com quem provavelmente se sentiu relacionado de uma forma especial, diferente do Deus monoteísta do Judaísmo”. <sup>[48]</sup>

“O ‘*Shemá*’ era a oração que todos os judeus piedosos deveriam recitar três vezes por dia... Ocupava uma posição especial semelhante no Judaísmo tardio à Oração do Pai Nosso no Cristianismo.” Isto é verdade, mas depois o *Dr. Anderson* fala sobre “a Igreja que já não recitava o ‘*Shemá*’. Mas aqui, pelo menos na sua declaração do primeiro mandamento, Jesus permanece firmemente dentro da órbita da piedade judaica”. <sup>[49]</sup>

<sup>[45]</sup> “*Did the First Christians Worship Jesus?*” ( Os primeiros cristãos adoravam Jesus?) pág. 93, nota al pie. 2.

<sup>[46]</sup> “*Jesus and the Future*” (Jesus e o futuro), 1981, pág. 1, sublinhado acrescentado.

<sup>[47]</sup> *Wolfson*, “*The Philosophy of the Church Fathers*” (A filosofia dos Padres da Igreja), págs. 361-363.

<sup>[48]</sup> *Karl-Heinz Ohlig*, “*One or Three? From the Father of Jesus to the Trinity*” (Um ou três? Do Pai de Jesus à Trindade), Lang, 2000, pág. 31.

<sup>[49]</sup> *Hugh Anderson*, “*New Century Bible Commentary on Mark*” (Comentário Bíblico do Novo Século sobre Marcos), pág. 280.



Mas com que autoridade foi descartado este ensinamento fundamental de Jesus que define o único Deus verdadeiro? A Igreja não abandonou a oração do Senhor! Porquê abandonar o seu credo?

O processo de restauração avança quando as pessoas procuram seriamente **o significado original do Reino de Deus pregado pelo Jesus original (humano)**. O próprio Evangelho é sobre o Reino de Deus, assim como a morte e ressurreição de Jesus, e o “Evangelho” nunca deve ser divorciado do Reino. A noção pagã de “céu” para as “almas” aquando da morte substituiu a esperança da vinda do Reino à terra. Este paganismo deve ser banido do vocabulário cristão, se quisermos compreender a Bíblia.

Este necessário regresso à “*fé que uma vez por todas foi entregue aos santos*” (*Judas 3*) pode ser facilitado pelo uso consistente do que poderia ser chamado de “versículos resumidos completos”, que encapsulam as verdades básicas e inegociáveis das Escrituras. Este seria um novo conjunto de “João 3:16”. Por exemplo, *João 3:36* fornece resumos brilhantes; *Hebreus 5:9*; *Atos 8:12*; *Lucas 8:12*; *Marcos 1:14-15*; *Mateus 28:18-20* e muitos outros. Estes versículos, que estão surpreendentemente ausentes da pregação contemporânea, fornecerão uma estrutura dentro da qual toda a história bíblica do destino do homem se tornará clara para os leitores da Bíblia.

O “*Harper Collins’ Bible Dictionary*” (Dicionário Bíblico Harper Collins) declara: “*O Evangelho é a proclamação do Reino anunciado por Jesus (Marcos 1:14, 15) e agora proclamado pela igreja*”. Mas é assim? As igrejas pregam o Evangelho do Reino de Deus?

Poderíamos dizer que as igrejas estão a jogar golfe com o taco ao contrário. É necessária uma reestruturação completa. Nenhuma alteração cosmética resolverá o problema. Há uma falha fatal no fundamento daquilo que conhecemos como fé. O Evangelho do Reino está ausente da pregação atual ou, na melhor das hipóteses, é irremediavelmente vago.

*Gary Burge* diz no Comentário de Aplicação da NVI: “*Stanley Grenz* reviu as tentativas falhadas da teologia evangélica para despertar a imaginação do mundo moderno. Defende o ‘reino de Deus’ como **o novo centro organizador** daquilo que dizemos e fazemos”.<sup>[50]</sup> Deverá ser, e deve ser, se Jesus em *Lucas 4:43* for verdadeiramente ouvido. E Paulo em *Atos 20:24, 25*; *19:8*; *28:23, 31* (comparar com *Atos 8:12*).

## Os seminários compreendem o Evangelho?

Ao longo do último ano, os professores de cada uma das três escolas de *Fuller* reuniram-se para discutir a questão: O que é o Evangelho? Há uma dúzia de anos, o falecido *Robert Guelich* fez desta questão o tema do seu discurso inaugural, referindo que anos de trabalho profissional o trouxeram repetidamente de volta a esta questão fundamental. *Guelich* contou a história de um encontro com o fundador *Charles Fuller* após um fórum de seminário, tendo como tema

---

<sup>50</sup> *Gary Burge*, “*Letters of John, NIV Application Commentary*” (Cartas de João, comentário de aplicação NIV), pág. 62.

“inspiração bíblica”. Fuller comentou que ansiava pelo dia em que **o seminário acolhesse um fórum sobre a questão: “O que é o Evangelho?”** <sup>[51]</sup>

Esta é uma admissão surpreendente e instrutiva. O facto é que eles não têm realmente a certeza do que é o Evangelho, e, no entanto, dizem que estão a salvar pessoas ao pregá-lo. O facto claro é que o Evangelho do Reino, que inclui, naturalmente, o sangue expiatório e ratificador da aliança de Jesus e a sua ressurreição, é o Evangelho. Até que o ensino do “céu” na morte, que é de Platão e não de Jesus, seja abandonado, como se poderá progredir? E como podemos ter a certeza de que alguém é salvo por acreditar nos ensinamentos de Platão e chamar-lhes ensinamentos de Jesus? Será Deus tão descuidado como nós com os nossos pensamentos? Será ele tão misericordioso que realmente não se importa, desde que sejamos sinceros, mas ignorantes – da natureza do homem, do seu destino, da identidade de Deus como único Deus de Israel (*Marcos 12:29*) e de Jesus como Messias? Senhor, não Deus (*Lucas 2:11*)? E a própria definição de Evangelho de Jesus?

*Shailer Matthews*, D.D., Professor de Teologia, Seminário de Chicago, viu quão essencial é o papel que o Reino desempenha no ensino de Jesus:

É um erro grave sustentar que o **Reino de Deus** não desempenha um papel importante no cristianismo apostólico. Tal visão carece de perspectiva histórica e está em desacordo com todo o pensamento da literatura do Cristianismo apostólico. O próprio nome do novo movimento, Cristianismo, sugeriria a opinião contrária. Longe de o Reino escatológico de Deus ser um elemento secundário na igreja primitiva, é a **sua grande crença condicionante**. A pregação dos primeiros evangelistas não foi um apelo a ideais éticos ou uma discussão sobre certas verdades. Pelo contrário, foi a proclamação de uma mensagem [sobre o Reino] ... Quanto à pessoa do Messias, é claro que não há dúvida de que a igreja primitiva cria que Jesus era o Cristo que tinha ido para o céu, de onde ele iria. Este foi o cerne de todo o movimento cristão... **Pensar em Jesus a usar deliberadamente um termo [Reino de Deus] com um significado diferente do que teria sido para outros é não só questionar a sua moralidade, mas quanto à sua qualidade de professor.** <sup>[52]</sup>

Como soam diferentes os dados do NT sobre o Evangelho do Reino!

Não peço desculpa pela repetição. *Churchill* disse: “Se tem algo importante para fazer, não tente ser subtil ou inteligente. Utilize um bate-estacas. Acerte o ponto uma vez. Depois volte e bata nele novamente. Depois, acerte-lhe uma terceira vez – um golpe tremendo”.

Adotei nesta tradução o que admito ser uma prática um tanto chocante de colocar um “s” minúsculo em “senhor” quando a referência é a Jesus. O objetivo é lembrar aos leitores a distinção fundamental entre o Senhor Deus (*YHVH*) e o Senhor Messias (*Lucas 2:11*). Isso se baseia no texto geral favorito da Bíblia no *Salmo 110:1*, onde *YHVH*, o único DEUS, dirige um oráculo ao Messias predito, que é filho de Davi e também seu senhor (*adoni*, “meu senhor”, não Senhor). Em *1 Coríntios 8:4-6*, Paulo ecoa o credo da Unicidade de Jesus em *Marcos 12:29*. Ele define Deus como o Pai de quem tudo se origina e, em seguida, acrescenta sua definição de Jesus como o único “*Senhor Messias*”. O *Salmo 110:1* e sua distinção muito fácil entre o único Senhor *YHVH* e o Senhor não-Divindade (*adoni*, “meu senhor” 195 vezes não Divindade!) está por trás do

<sup>51</sup> “*Theology, News and Notes, Fuller Theological Seminary, spring 2004*” (Teologia, Notícias e Notas, Seminário Teológico Fuller primavera de 2004).

<sup>52</sup> “*The Messianic Hope in the New Testament*” (A Esperança Messiânica no Novo Testamento), University of Chicago Press, 1905, págs. 144, 155.

pensamento de Paulo, como por trás de todo o pensamento de Jesus (*Marcos 12:28-37*). De forma alguma os dois senhores do *Salmo 110:1* devem ser confundidos, resultando em dois sendo “Senhor Deus”, uma violação óbvia do monoteísmo. “Adoni”, meu senhor, é o título deliberado e inequívoco não divino para Jesus, o homem Messias (*1 Timóteo 2:5*, etc.).

Por vezes o texto do NT não esclarece se se refere ao Senhor Deus ou ao Senhor Messias. Isto não afeta nada de vital importância, uma vez que Jesus e Deus estão a trabalhar em harmonia (*João 10:30*), sendo Jesus o agente supremo de Deus, seu Pai, que é também o Deus de Jesus (*Hebreus 1:9*). O objetivo de usar letras minúsculas para o Senhor Jesus é lembrar os leitores, vezes sem conta, da verdade central fornecida pelo oráculo de *YHVH* no *Salmo 110:1*. A relação entre Deus e Jesus é firmemente estabelecida pelo contraste entre *YHVH*, o Deus Único da Bíblia, e a figura não-divindade agora designada para sentar-se à direita de *YHVH*, aguardando seu retorno à terra para governar no futuro Reino. Jesus é o “adoni”, “meu senhor”, do *Salmo 110:1*, e a sua relação com o Pai é repetida continuamente no NT, resumida pelo simples credo de Paulo em *1 Timóteo 2:4-5*: Deus “*quer que todas as pessoas possam ser salvos e chegar ao conhecimento da verdade, a saber, que há um só Deus e um só mediador entre esse único Deus e a humanidade, o Messias Jesus, que é ele mesmo um homem*”. Esta é a tarefa de uma Igreja que deseja ser fiel a Jesus e às Escrituras.

Para os leitores desta tradução que possam estar céticos quanto à possibilidade de as tão queridas e antigas tradições do Cristianismo estarem radicalmente erradas, as palavras do famoso cristologista, *Dr. James Dunn*, são sugestivas:

É claro que existe sempre a possibilidade de que a “superstição popular pagã” se tenha tornado *superstição* cristã popular, através de uma assimilação e difusão gradual da crença ao nível da piedade popular (devemos ter cuidado para não assumir que todos os desenvolvimentos no pensamento cristão são derivados dos livros de Paulo e João). do Cristianismo).<sup>[53]</sup>

Pode muito bem acontecer que a confiança maciça na “ortodoxia” de João e Paulo levante as nossas suspeitas de que a Bíblia está a ser usada seletivamente e, portanto, de forma enganosa para reforçar o status quo. O leitor é convidado a avaliar esta questão com uma atitude bereana (*Atos 17:11*). Lucas, neste versículo, recomenda uma abordagem completa e nobre, adequada a todos aqueles que são convidados a governar o mundo com Jesus no Reino vindouro na terra.

Finalmente, sugiro que a definição popular de Deus como “três em um” tende a manter milhões de judeus e muçulmanos à distância do real, histórico, agora ressuscitado Jesus de Nazaré, para quem o monoteísmo unitário era a base da verdadeira fé. (*Marcos 12:29; João 17:3*). Não será tempo de os adoradores inteligentes de Deus na igreja esclarecerem para si próprios o significado da sua confissão pública de fé em Jesus como “gerado, não feito”, para que tal confissão não corra o risco de ser uma mera tradição aprendida de cor? e palavras sem sentido?

Deixo ao leitor considerar novamente e levar a sério a surpreendente admissão do missiólogo *Mortimer Arias* acima citada: “Porque não testar a própria definição de Jesus sobre a sua missão – e a nossa? Para Jesus, a evangelização não era nada mais nada menos do que anunciar o reino de Deus! Sugiro que seja dado ao Evangelho do Reino o seu verdadeiro significado bíblico

<sup>[53]</sup> “*Christology in the Making*” (Cristologia em Processo), SCM Press, second edition, 1989, pág. 251.

como o Reino de David a ser restaurado, isto é, pelo maior filho de David, Jesus Messias (*1 Crônicas 18:14; 28:5; 2 Crônicas 13:8; 21:7; Isaías 1:26; Marcos 11:10*).